

revista

OVELHA

QUADRIMESTRAL

No 79 Jan. 2025 | Ano XXXVII | Preço ~~2,50~~ Euros | ISSN 0805356

Conclusões do IV Congresso
Luso-Espanhol de Pecuária
Extensiva e Desenvolvimento Rural

+ Agricultura + Futuro
é o mote da 41ª Ovibeja que se vai
realizar de 30 de abril a 4 de maio



ACOS LAB3

LABORATÓRIO VETERINÁRIO DA ACOS

O LABORATÓRIO VETERINÁRIO ESTÁ PREPARADO PARA DAR RESPOSTA A **SERVIÇOS OFICIAIS, MÉDICOS VETERINÁRIOS E PRODUTORES** NO ÂMBITO DE:



CONTROLOS OFICIAIS DE SAÚDE ANIMAL

(PROGRAMAS DE ERRADICAÇÃO OU CONTROLOS OBRIGATÓRIOS DE DOENÇAS, COMO A BRUCELOSE E A DOENÇA DE AUJESZKY)



ANÁLISES PARA EXPORTAÇÕES DE ANIMAIS VIVOS



PROGRAMAS VOLUNTÁRIOS DE SAÚDE ANIMAL

(BOVICARE – IBR E BVD)



APOIO AO DIAGNÓSTICO CLÍNICO



AVALIAÇÃO DO GRAU DE ELIMINAÇÃO DE OVOS DE PARASITAS ATRAVÉS DE **ANÁLISES COPROLÓGICAS (FEZES) AOS ANIMAIS (DECISÃO SOBRE TRATAMENTOS DESPARASITANTES)**



CONTROLO DE QUALIDADE DE LEITE

CONTACTOS

Rua Cidade S. Paulo, nº 36
Apart. 296 7801-904 Beja
Telf. +351 284 310 360 | +351 284 310 350
E-mail: laboratorio@acos.pt



ACOS LAB3

LABORATÓRIO DE QUÍMICA DA ACOS

LABORATÓRIO ACREDITADO PELO IFAC

ANÁLISES À AZEITONA, AO AZEITE E AO BAGAÇO

O LABORATÓRIO DE QUÍMICA DA ACOS RECEBE AMOSTRAS DE PRODUTORES E DE LAGARES DE COOPERATIVAS OU DE EMPRESAS PARA:



DETERMINAR O MOMENTO IDEAL PARA A COLHEITA DA AZEITONA



AVALIAR E MONITORIZAR O RENDIMENTO E QUALIDADE (ACIDEZ) DAS AZEITONAS AO LONGO DA CAMPANHA



DETERMINAR A ACIDEZ DO AZEITE EXTRAÍDO PARA A PREPARAÇÃO DOS LOTES – MÉTODOS RÁPIDOS



DETERMINAR OS TEORES DE COMPONENTES ANTIOXIDANTES NATURAIS EM AZEITONA E AZEITE



DETERMINAR A QUALIDADE E A PUREZA DO AZEITE PRODUZIDO



DETERMINAR AS PERDAS DE AZEITE NO BAGAÇO E O SEU TEOR EM CAROÇO



FAZER ANÁLISES PARA A CALIBRAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE MÉTODOS RÁPIDOS (NIR)



CONTACTOS:

RUA CIDADE S. PAULO, Nº 36
APART. 296 7801-904 BEJA
TELF. +351 284 249 011
+351 284 310 350
E-MAIL: LABORATORIO@ACOS.PT



A Agricultura do futuro debate-se com grandes desafios

O principal papel da agricultura é alimentar a população mundial que se estima atingir os 10 biliões de habitantes em 2050. No entanto, as previsões apontam para uma redução significativa da Superfície Agrícola Utilizável global, o que coloca o primeiro grande desafio de produzir mais com menos. Neste contexto é necessário procurar na ciência e na tecnologia os desenvolvimentos necessários que conduzam a sistemas de produção cada vez mais eficientes, tendo em atenção os diversos pilares da sustentabilidade.

A nível da Comunidade Europeia, há desafios e ameaças no que à Política Agrícola Comum diz respeito. Desde logo a necessidade de revisões sucessivas do PEPAC com implicações na tomada de decisões por parte dos agricultores a curto e médio prazo. Por outro lado, o eixo Franco-Alemão, considerado o verdadeiro motor da Europa, está a atravessar uma crise política e económica que terá decididamente repercussões negativas nos restantes países da União.

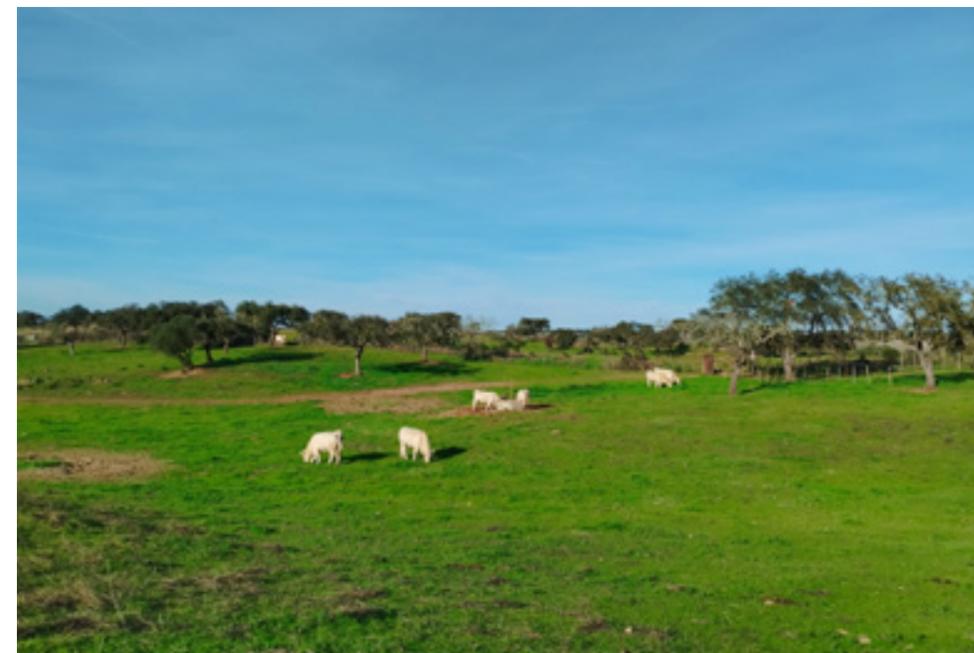
A situação geopolítica mundial também não traz boas notícias, que se agravam a cada dia que passa com as guerras em curso na Europa e no Médio Oriente, para já. A questão da Defesa da Europa é cada vez mais falada nas reuniões do Conselho Europeu. Já se fala em aumentar o orçamento para a Defesa, indo mesmo buscar financiamento à PAC. Se assim for, antecipam-se mais revisões da mesma com impactos negativos para os rendimentos dos agricultores.

Mesmo com as adversidades que se antecipam, não nos podemos esquecer que o sector primário é o pilar essencial para o desenvolvimento das nações. Como tal, teremos que saber transformar estas ameaças em oportunidades e encontrar as estratégias mais adequadas para satisfazer as necessidades de alimentos para a comunidade mundial. “+ Agricultura + Futuro”, será o mote da próxima edição da Ovibeja, que pretende lançar uma reflexão sobre todos estes desafios.

Claudino Matos
Diretor Geral da ACOS

Estatuto Editorial

A Revista OVELHA é uma publicação mantida pela ACOS – Agricultores do Sul, desde o primeiro momento da constituição desta associação. Publicada há mais de 30 anos, a Revista Ovelha cobre uma variedade de tópicos relacionados com a agricultura, a pecuária, as agroindústrias, o associativismo, as políticas agrícolas e o desenvolvimento rural incluindo ainda temáticas culturais e ligadas à sociedade civil. Inicialmente concebida como principal meio de informação para com os seus associados, a Revista OVELHA desde logo se diferenciou das demais, pelo nível técnico e científico dos conteúdos publicados, pelo seu posicionamento editorial e até pela sua identidade gráfica. Progressivamente, e refletindo o crescimento desta associação, a Revista OVELHA, continuando a dirigir a informação aos seus associados, passou também a ser a publicação oficial da OVIBEJA, dando cobertura à programação do certame. A revista ampliou o âmbito editorial e, além da agricultura, passou a incluir temáticas ligadas à cultura e à sociedade civil. Distribuída pelos expositores e milhares de visitantes do certame, a revista viu aumentar a sua divulgação e notoriedade. A Revista OVELHA desde sempre contou com a colaboração permanente dos mais prestigiados investigadores e técnicos, divulgando as novidades e tendências do setor agrícola, através de artigos técnicos e científicos e colunas de opinião das mais diversas personalidades e instituições de diferentes quadrantes: político, empresarial, cultural e institucional. O seu posicionamento editorial pauta-se por uma postura atenta aos desafios e oportunidades da agricultura regional, nacional e internacional. Acompanha os grandes desenvolvimentos do setor e das políticas agrícolas, sempre com uma visão independente e crítica com o intuito de informar, lançar o debate, defender e reivindicar os interesses dos seus associados, parceiros e dos agricultores em geral.



Entrevista

“Novo perfil de agricultor adota novas tecnologias e alia-se à ciência”

Rui Garrido
6/9

41ª Ovibeja inova ao refletir sobre introdução de novas tecnologias de informação e comunicação na agricultura do futuro

11

Entrevista

“Portugal é o produtor mundial com maior percentagem de azeites de qualidade superior”

Mariana Matos
12/13

Entrevista

“Laboratório de Química aberto a todos quantos dele precisam”

Helena Monteiro
14/15

Dossier sobre Pecuária em Extensivo

A voz do setor

Conclusões do IV Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva

17/33

Entrevista

“Ser agricultor hoje é ser multifacetado”

Sandra Palma Ferro
36/37

Parabéns à ACOS

Idalino Leão
38

Doença da Língua Azul

Miguel Madeira
39/41

Inteligência Artificial na Agricultura

Inovação que transforma o futuro do campo

Luís Alcino Conceição
42/46

Cofinanciado por



Ficha Técnica

Revista Ovelha | Periodicidade quadrimestral | n.º 79 | ano XXXVII | Diretor: Claudino Matos – Diretora-adjunta: Joana Gomes | Colaboradores: António Carrapato (fotografia), Carlos Júlio | Contribuições: Quadros técnicos superiores da ACOS e colaboradores habituais não funcionários | Design Gráfico: June Studios | Propriedade: ACOS Agricultores do Sul | Contribuinte n.º 501 523 227 | Departamento de Relações Públicas: Filomena Maltz | Secretariado: Manuela Realista | Redação, Administração e Publicidade: ACOS – Rua Cidade de S. Paulo, Apartado 296 7801-904 Beja | Tel: 284 310 350 | Fax 284 323 439 | E-mail: geral@acos.pt | Impressão: BejaGráfica, Lda. Rua Abel Viana, 4-6. 7800-440 Beja | N.º Registo ERC: 115030 | Tiragem: 2000 exemplares | ISSN: 0805356



Rui Garrido, Presidente da ACOS – Agricultores do Sul

Novo perfil de agricultor adota novas tecnologias e alia-se à ciência

“O agricultor tradicional, que se preocupava quase só em semear as suas terras, acompanhar as suas culturas, tratar dos seus animais, já há muito que não existe”. Além dessas preocupações, “o agricultor atual tem de estar muito mais informado, atualizado, a par das novas e sucessivas exigências. Associadas à utilização das novas tecnologias como forma de aumentar a eficiência e a precisão”.

As afirmações são de Rui Garrido, Presidente da ACOS – Associação de Agricultores do Sul, que sublinha ainda o grande passo dado na forma de usar a água para regadio. Enquanto antes “a quantidade de água usada nos regadios era calculada a olho, agora a água utilizada é a estritamente necessária, calculada com precisão pelas novas tecnologias usadas”.

Tal como com as novas tecnologias, os desafios colocados à agricultura resultantes das consequências das alterações climáticas forçam a uma adequação à nova realidade o que muitas vezes obriga a práticas culturais diferentes que reclamam o acompanhamento científico como modo de sustentar novos procedimentos.

Outro dos desafios referidos por Rui Garrido é o licenciamento de pequenos regadios que possam ajudar a viabilizar a pecuária extensiva, uma ideia que partiu dos agricultores baixo alentejanos e que está a ganhar sustentação. A EDIA já apresentou possibilidades de pequenas barragens a sul de Beja, e a academia também já se interessou em avaliar o seu impacto e a sua relevância. A ACOS integra um grupo de trabalho, encabeçado pela Universidade de Évora que está a dinamizar um projeto piloto numa zona de demonstração que pode vir a ser alargado a outras zonas.

Que balanço é possível fazer deste ano agrícola?

O ano agrícola correu, de um modo geral, muito melhor que a campanha agrícola 2023/24. Choveu mais e em alturas mais dentro dos ciclos das plantas. As searas de sequeiro da nossa região tiveram produções dentro da média e, em alguns casos, acima. Houve muita produção de erva. Muita produção de forragens. Houve pastos até tarde. Portanto, há reservas guardadas para a alimentação animal.

Na nossa região também choveu o suficiente para permitir ao Alqueva dar garantias de rega para os próximos anos. No Alto Alentejo as barragens também ficaram cheias

Menos bom foi, na faixa mais a sul do Alentejo, a sudoeste, em que a escassez de chuva não conduziu a reservas de água suficientes para os regadios, nomeadamente, na zona das barragens de Campilhas e Alto Sado, Nossa Senhora da Rocha, Santa Clara.

Registaram-se altas temperaturas no Verão que criaram alguns problemas. Atrasaram, por exemplo as vindimas, e atrasaram o amadurecimento da azeitona.

No que diz respeito à campanha deste ano da azeitona, a produção deverá ser um pouco inferior. O preço do azeite, que naturalmente não podia ficar acima dos oito euros, como chegou a estar, já baixou bastante. Mas, ainda assim, preve-se que vá ficar dentro de um patamar que será bastante aceitável em termos de rentabilidade da cultura.

Uma outra cultura que também já tem muita importância na nossa zona é o amendoal. Este ano os preços também subiram significativamente, talvez na ordem de um euro por quilo, o que é importante.

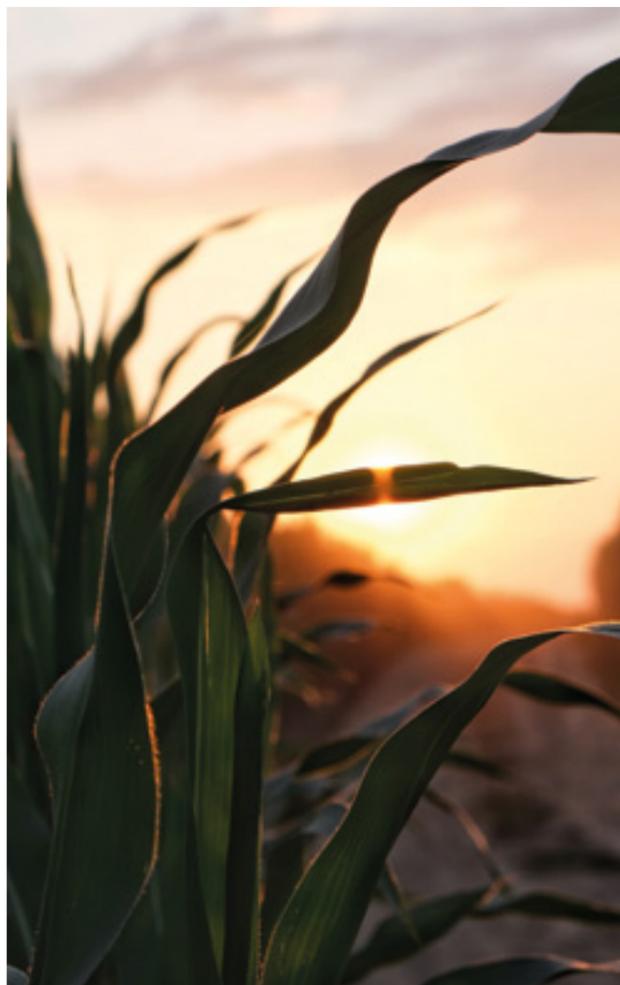
Podemos dizer que, de um modo geral, o ano foi bom. Ressalvar que o preço dos cereais praganosos, bem como o milho, têm vindo cair, o que torna pouco interessante a prática destas culturas. Quando começou a guerra na Ucrânia os preços subiram mas já voltaram para valores bastante mais baixos.

Referiu que este ano tinha sido bom em termos de produção de cereais. No entanto, os cereais em Portugal representam apenas 3,5% da produção agrícola nacional, deixando-nos dependentes de países com elevada instabilidade política e comercial. Sendo que o Alentejo a zona do país onde se concentra maior percentagem produtiva, na ordem dos 63. Que tipo de medidas podem ser tomadas para inverter esta situação?

Esta questão tem a ver com o preço dos cereais que, como há pouco já referi, estão muito baixos.

Cada vez fazem-se menos cereais que têm vindo a ser substituídos por outras culturas com maior rentabilidade. Por exemplo, quando se começou falar do perímetro de Alqueva, uma das culturas que na altura se apontava como muito interessante era o milho. Previam-se enormes áreas desta cultura. Nos primeiros anos houve, de facto, um grande incremento cultura do milho, mas pouco depois o panorama começou a ser invertido e hoje produz-se muito menos. Isto porque apareceram outras culturas que dão outra defesa ao agricultor. O agricultor procura fazer investimentos com culturas mais rentáveis. Isso faz com que os cereais fiquem quase e só nas zonas de sequeiro. Ainda se fazem alguns cereais praganosos e milho no regadio. Mas, especialmente no caso dos cereais praganosos é quase só no sequeiro





possibilidade de apoio. Cientes desta realidade insistimos no pedido de que a ajuda deveria ser concedida independentemente da produtividade alcançada. Além da medida de apoio aos cereais, era importante implementar todas as outras medidas que estão incluídas na Estratégia Nacional para a Promoção da Produção de Cereais, criada pelo GPP, em colaboração com a ANPOC. A criação da marca “Cereais do Alentejo” inclui-senesta Estratégia.

Tudo isto presente num ambiente de alterações climáticas que obrigam a ajustes e reformulações. Que influências são já visíveis das alterações climáticas na produção agrícola e pecuária?

Essa é uma questão da ordem do dia. Sempre houve secas. Mas não com a periodicidade destas secas que temos vindo a assistir nos últimos anos. Tantos anos secos, com tão pouca água nas nossas barragens, até para consumo humano, é uma tendência recente. Por exemplo, o Algarve é uma zona onde se nota muito essa realidade. Tal como as intempéries que se têm vindo a tornar cada vez mais regulares. E o aumento da temperatura. Estas são, claramente, situações resultantes das alterações climáticas. Os cientistas asseguram que estes são fenómenos com tendência a agravar-se. Com significativas implicações na agricultura. Seja por prejuízos que possam causar, seja por falta de água, seja pelo aparecimento de novas pragas ou doenças que não existiam. E que até obrigam a práticas culturais diferentes. Alterações que exigem um acompanhamento científico que permita a procura de respostas. A investigação tem de estar sempre presente, para que depois possa ajudar o trabalho dos agricultores no terreno.



que se estão a cultivar. Ou por quem tem explorações pecuárias. Com os preços mais baixos, a rentabilidade é bastante mais complicada. E, se no regadio já é difícil, no sequeiro é bastante pior. Só para contextualizar, podemos dizer que reduzimos em 70% a produção de cereais no nosso país, desde 1986. Por exemplo, o trigo que ocupava cerca de 300 mil hectares, hoje ocupa menos de 40 mil hectares.

Portanto, o que dizemos sempre, e já há alguns anos, é que não podemos ficar completamente dependentes do exterior. Em clima de guerra não sabemos o que vai acontecer amanhã. Sempre fomos um país deficitário em cereais, só que agora somos muito mais deficitários. Portanto, para que alguns solos ainda possam ser cultivados com cereais, era importante que a ajuda que foi criada - e que continua a existir de pagamento aos cereais praganosos - fosse reestruturada. Porque não chega. Não só os valores não chegam, como depois os limites mínimos estipulados para as produções dificulta muito o acesso a este apoio. Por exemplo: ano passado foi um ano terrível de seca o que levou a que não se conseguissem atingir esses limites mínimos de produção. Portanto, os produtores ficaram automaticamente de fora da



Por um lado somos confrontados com isto, por outro lado, temos necessidade de aumentar cada vez mais as nossas produções para alimentar uma população em crescendo. Estamos perante novos desafios que nos obrigam a conjugar as condições em presença. Somos chamados a produzir cada vez mais alimentos, de forma mais sustentável, confrontados com as consequências das alterações climáticas, e tendo ainda em mente a proteção do ambiente. Nestes novos desafios têm de entrar o apoio das novas tecnologias, mais uma vez perante a resposta da ciência.

Já que falamos em novos desafios que obrigam a um novo perfil de agricultor: Qual o perfil ou perfis que podemos traçar do agricultor de hoje? O que é ser agricultor hoje?

O agricultor tradicional, que se preocupava quase só em semear as suas terras, acompanhar as suas culturas, tratar dos seus animais, já há muito que não existe. A partir do momento em que entrámos na Comunidade Europeia, que começámos a ter de lidar com muita burocracia, complexos processos para recorrer a projetos de investimento, fomos forçados a desenvolver novas competências. O agricultor atual tem de estar muito mais informado, atualizado, à altura de novas e sucessivas exigências. Estas novas exigências têm vindo a ser associadas à utilização das novas tecnologias como forma de aumentar a eficiência e a precisão. Quem, é que, há alguns anos atrás, pensava em colocar sondas no terreno e regar de forma computadorizada? A quantidade de água nos regadios era calculada a olho. Agora a água utilizada é a estritamente necessária, calculada por precisão pelas novas tecnologias usadas. Hoje fazemos uma rega muito mais eficiente. Cada vez mais a agricultura faz uso de tecnologias que apoiam em muito a utilização eficiente dos recursos. E já há robôs que apoiam em determinadas práticas culturais. O agricultor tem de estar familiarizado com esta nova realidade e forma de estar. No entanto, infelizmente, nem todos os agricultores têm

condições para aceder às novas tecnologias ou para estarem devidamente informados sobre as políticas e exigências constantes para o setor. Para estas e para todas as outras situações estão cá as Associações de Agricultores, como a ACOS, que prestam todo o tipo de apoio técnico, formação profissional e aconselhamento agrícola aos seus associados, de modo a se sentirem acompanhados, para que sintam que esta é a sua casa.

Uma das reivindicações da ACOS tem sido a do licenciamento para construção de pequenos regadios que possam ajudar a viabilizar a pecuária extensiva em zonas de sequeiro, questão que já foi colocada ao Ministro da Agricultura. Quais as expectativas sobre a abertura do governo em relação a esta matéria?

Esta é uma ideia nova que deverá demorar algum tempo até ser implementada. Ninguém falava disto há cerca de dois ou três anos. Fomos nós, aqui na nossa zona, que começámos a discutir esta questão e a lançar esta ideia por causa das secas que temos vindo a assistir. As explorações agropecuárias de sequeiro são as que mais têm sofrido com as secas. Portanto, temos chegado à conclusão que poderia ser um pouco diferente se houvesse pequenos regadios de apoio à pecuária. E falamos em pequenos regadios porque não estamos a pensar regar solos muito esquelizados, ou solos muito mal drenados, ou de “má qualidade”, com culturas exigentes. Estamos a pensar, sim, em forragens e pastagens. Para ajudar nos anos em que não chove. Com um pouco de água podem ser criadas condições para guardar, todos os anos, alimentos que de outro modo não é possível.

Esta é uma ideia nova, mas parece ter pernas para andar. Percebemos que há cada vez maior aceitação. Já há muita gente que fala dessa possibilidade. Ainda bem que se começa a interiorizar a importância dessa necessidade. Já houve, em Mértola, um encontro muito interessante sobre este tema, onde a própria EDIA apresentou a possibilidade de pequenas barragens na zona a sul de Beja. Nos concelhos de Mértola, Almodovar, Castro Verde, Ourique, esta realidade faria toda a diferença. Naturalmente que pode trazer impactos que devem ser estudados, mas pode ser uma possibilidade viável.

Isto implica investimento. É preciso, por isso, que haja vontade política. Os políticos têm de acreditar que é possível. E que esta é uma ideia que pode ser viabilizada através do necessário investimento à sua concretização. Este é um assunto que não está parado. A própria academia também se interessou pelo assunto. Existe, por exemplo, um grupo de trabalho onde nós ACOS estamos incluídos que, com a participação da Universidade de Évora e a Cooperativa Agrícola do Guadiana, está a dar forma a um projeto piloto numa zona de demonstração que poderá servir de prática que possa vir a ser alargada a outras zonas.

SERVIÇOS ACOS



-  **ACONSELHAMENTO AGRÍCOLA**
-  **ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO AGRICULTOR**
-  **CANDIDATURAS A DIVERSOS APOIOS COMUNITÁRIOS**
-  **SISTEMA DE IDENTIFICAÇÃO PARCELAR**
-  **SEGUROS DE COLHEITAS**
-  **RECONHECIMENTO DE REGANTES**
-  **CENTRO DE INSPEÇÃO PERIÓDICA OBRIGATÓRIA DE EQUIPAMENTOS DE APLICAÇÃO DE PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS**
-  **SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO E REGISTO ANIMAL**
-  **SANIDADE ANIMAL**
-  **IDENTIFICAÇÃO ELETRÓNICA DE OVINOS, CAPRINOS E BOVINOS (E LEITURA DINÂMICA)**
-  **CONSERVAÇÃO E MELHORAMENTO GENÉTICO DA RAÇA OVINA CAMPANIÇA - ENTIDADE GESTORA DO LIVRO GENEALÓGICO DA RAÇA CAMPANIÇA**
-  **COMERCIALIZAÇÃO DE OVINOS E DE BOVINOS**
-  **TOSQUIA E LÃS**
-  **POSTO DE VENDA DE MEDICAMENTOS VETERINÁRIOS E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRO-PECUÁRIOS**
-  **SIRCA/OC - SISTEMA DE RECOLHA DE CADÁVERES DE OVINOS E CAPRINOS**
-  **FORMAÇÃO PROFISSIONAL**
-  **LABORATÓRIO DE QUÍMICA (AZEITONA E AZEITE)**
-  **LABORATÓRIO VETERINÁRIO**
-  **ANÁLISES DE SOLOS, DE FOLHAS E DE ÁGUA**
-  **INVESTIGAÇÃO & DESENVOLVIMENTO**
-  **OVIBEJA**
-  **COMUNICAÇÃO E IMAGEM - REVISTAS, PÁGINAS WEB, FACEBOOK E OUTRAS REDES SOCIAIS**
-  **RED DE OVINOS/CAPRINOS E DE BOVINOS**
-  **PEDIDOS DE PAGAMENTOS DE PROJETOS (PRODER E PDR2020)**

www.acos.pt

ACOS – Associação de Agricultores do Sul

Rua Cidade S. Paulo, Apart. 296 -7801-904 BEJA

Telf. 284 310 350 | Fax: 284 323 439 | E-mail: geral@acos.pt |



41ª Ovibeja inova ao refletir sobre introdução de novas tecnologias de informação e comunicação na agricultura do futuro

“+ Agricultura + Futuro: Um pilar para a Inovação e Sustentabilidade na Agricultura” é mote que a organização da 41ª Ovibeja pretende projetar de 30 de abril a 4 de maio de 2025.

A Ovibeja tem vindo a afirmar-se como Plataforma Estratégica para o Futuro da Agricultura enquanto evento essencial de reflexão e inovação. Destina-se a discutir o papel central da agricultura na economia global, segurança alimentar e preservação ambiental. Com o lema + AGRICULTURA + FUTURO, a Ovibeja destaca-se como um espaço de resiliência, inovação e construção de pontes entre gerações, empresas e stakeholders comprometidos com o desenvolvimento agrícola sustentável.

As novas tecnologias estão aí com cada vez maior penetração e importância no mundo empresarial com ganhos a vários níveis, incluindo na eficiência. É com base nessa evidência que a organização da 41ª Ovibeja pretende apresentar e dar a conhecer as muitas plataformas digitais, o uso da Inteligência Artificial, as suas funcionalidades. A agricultura moderna é apresentada não apenas como uma prática tradicional, mas como um setor repleto de oportunidades económicas, científicas e tecnológicas. A Ovibeja desempenha um papel crucial ao posicionar a agricultura como um campo promissor e alinhado com os desafios do futuro, incentivando jovens profissionais e empreendedores a abraçar os desafios e as oportunidades do setor. A renovação geracional é vital, pelo que o evento vai promover debates, exposições e networking para atrair as novas gerações e posicioná-las como líderes de uma agricultura mais inovadora e sustentável.

No centro das discussões e reflexões a Ovibeja tem como principais metas a inovação e a sustentabilidade refletindo a necessidade de práticas agrícolas que conciliem produtividade e responsabilidade ecológica.

Num contexto de mudanças climáticas, a Ovibeja destaca a importância de a agricultura se posicionar como um agente de transformação, que garante a produção de alimentos, mas também a preservação dos ecossistemas e a promoção da segurança alimentar. Assim como autonomia dos territórios e o fortalecimento das comunidades, reforçando a importância de estratégias agrícolas sustentáveis e resilientes.

Como sempre, a Ovibeja oferece grande diversidade de expositores, com destaque para os stands empresariais e institucionais das mais diversas áreas de atuação, desde máquinas, equipamentos e produtos agrícolas, a mostra e venda de artesanato, o pavilhão do gado, com exemplares únicos de raças autóctones de ovinos, caprinos, suínos, bovinos. Música com a presença de artistas de renome nacional e internacional, música regional com a participação de artistas locais e os sempre muitos apelativos restaurantes de carnes certificadas, diversos espaços de comes e bebes de produtos regionais, street food, bares, etc. A Ovibeja é enriquecida com mais de mil expositores e cerca de 200 mil visitantes. A Organização da 41ª Ovibeja pertence à ACOS – Associação de Agricultores do Sul que está a preparar a abertura do Secretariado e receção de inscrições no decorrer do mês de janeiro.

pub



**MOURA
BARRANCOS**

70 ANOS

Portugal o produtor mundial com maior percentagem de azeites de qualidade superior



Mariana Matos
Secretária geral da
Casa do Azeite

“Portugal tem sido o país produtor mundial onde se produz a maior percentagem de azeites virgem extra, de qualidade superior.”

A afirmação é de Mariana Matos, Secretária-Geral da Casa do Azeite, que espera que se mantenha este ano o mesmo nível de qualidade. E faz uma previsão da atual campanha, em termos quantitativos, com uma produção nacional e mundial acima da do ano anterior. Do lado dos preços do azeite, a produção mundial foi, nas duas últimas campanhas, muito abaixo dos valores normais, o que despoletou o seu aumento e, por consequência, redução no consumo. A tendência expectável de reequilíbrio da média de produção deverá fazer baixar ligeiramente os preços do azeite.

Quais as previsões para esta campanha da azeitona em termos de qualidade e quantidade da azeitona e do azeite?

Em Portugal, as previsões para a próxima campanha apontam para uma produção de azeite superior à da campanha do ano passado, que poderá atingir valores entre 160 - 190 mil toneladas de azeite. De facto, a climatologia durante o ciclo produtivo atual foi bastante mais generosa que nos 2 anos anteriores, com chuvas na Primavera, que permitiram uma boa floração, e com um Verão quente, mas não em demasia.



Em relação à produção mundial, a previsão também é de aumento da produção, especialmente em Espanha, o maior produtor do mundo. As estimativas para a produção espanhola apontam para uma recuperação significativa, e para uma produção que poderá rondar 1.500 mil toneladas de azeite, muito mais perto dos valores médios da produção espanhola.

Em termos de qualidade, é ainda um pouco cedo para se fazerem estimativas, mas não podemos deixar de referir que, nos últimos anos, Portugal tem sido o país produtor mundial onde se produz a maior percentagem de azeites virgem extra, de qualidade superior. E esperamos que nesta campanha continue no primeiro lugar do pódio da qualidade.

Quais as expectativas em relação ao preço do azeite?

Os preços do azeite, e dos restantes produtos, obedecem de forma genérica à lei da oferta e da procura. Com a produção de azeite das últimas 2 campanhas mundiais muito abaixo dos valores normais, os preços subiram, regulando a procura. Os stocks mundiais de azeite foram praticamente todos consumidos, e os stocks de passagem entre campanhas estão anormalmente baixos. Nestas circunstâncias, com o crescimento da produção mundial para valores próximos da média, haverá certamente um ajustamento do preço do azeite no mercado - que, de resto, já se tem vindo a sentir nos últimos meses - mas creio que não haverá movimentos muito acentuados. Esses ajustamentos são importantes para a recuperação do consumo perdido nos últimos anos, que dependendo do mercado, pode ser significativo.

Como é que o aumento do preço do azeite, verificado especialmente na campanha do ano passado, influenciou o consumo de azeite no nosso país?

Durante o ano de 2023, segundo os números da Casa do Azeite, assistiu-se a uma quebra de consumo, no mercado interno, de cerca de 11%. Essa quebra surpreendeu pela positiva, tendo em conta que os aumentos de preço do azeite foram muito acentuados, mas os consumidores mantiveram o consumo, embora ajustando as quantidades que adquiriam. No entanto, os dados que temos de 2024 já são bastante mais preocupantes, com uma quebra de consumo próxima dos 30%, para o período homólogo de 2023 (Janeiro a Agosto). Os hábitos de consumo alteraram-se, os consumidores optam por formatos de embalagem mais pequenos, para despender menos dinheiro em cada compra. Com a recuperação da produção de azeite e o conseqüente ajustamento no preço, há que recuperar todo este mercado, o que normalmente demora tempo.



Laboratório de Química aberto a todos quantos dele precisarem



Helena Monteiro
Responsável pelos
Laboratórios da ACOS

No decorrer de mais uma campanha da azeitona, o Laboratório de Química da ACOS aumentou em muito a procura dos seus serviços. O Laboratório faz análises à qualidade e à pureza do azeite, além das necessárias para exportação, assim como, durante a campanha, análises à azeitona e ao bagaço da azeitona. Procurando ir sempre ao encontro das necessidades dos seus clientes adquiriu mais um equipamento NIR e aumentou a capacidade de refrigeração para as amostras.

A garantia é dada pela responsável dos Laboratórios da ACOS, Helena Monteiro que explica ainda que os serviços do Laboratório de Química são abertos a quem deles precisar, desde olivicultores, lagares, exportadores e até consumidores finais que pretendem saber a qualidade do azeite que compram. A responsável do Laboratório de Química da ACOS anunciou ainda que está em processo de constituição um painel de provadores de azeite, uma ambição antiga da ACOS que está agora a tomar corpo.

Iniciou mais uma campanha de apanha da azeitona que representa maior procura dos serviços do Laboratório de Química da ACOS.

Como tem evoluído a resposta do laboratório ao número de clientes ao volume de amostras?

O Laboratório de Química da ACOS tem procurado ir ao encontro das necessidades dos clientes que o procuram. A concentração da colheita da azeitona num intervalo de tempo cada vez mais curto constitui um desafio inquestionável, para o qual o laboratório procurou encontrar as soluções mais adequadas: adquirindo mais um equipamento NIR e contratando



capacidade de refrigeração para as amostras. Consideramos que temos as condições necessárias para emitir resultados com a rapidez necessária e com a qualidade a que os nossos clientes estão habituados.

Para quem ainda não conhece os serviços do Laboratório de Química da ACOS, que análises podem ser realizadas e quem pode recorrer aos seus serviços?

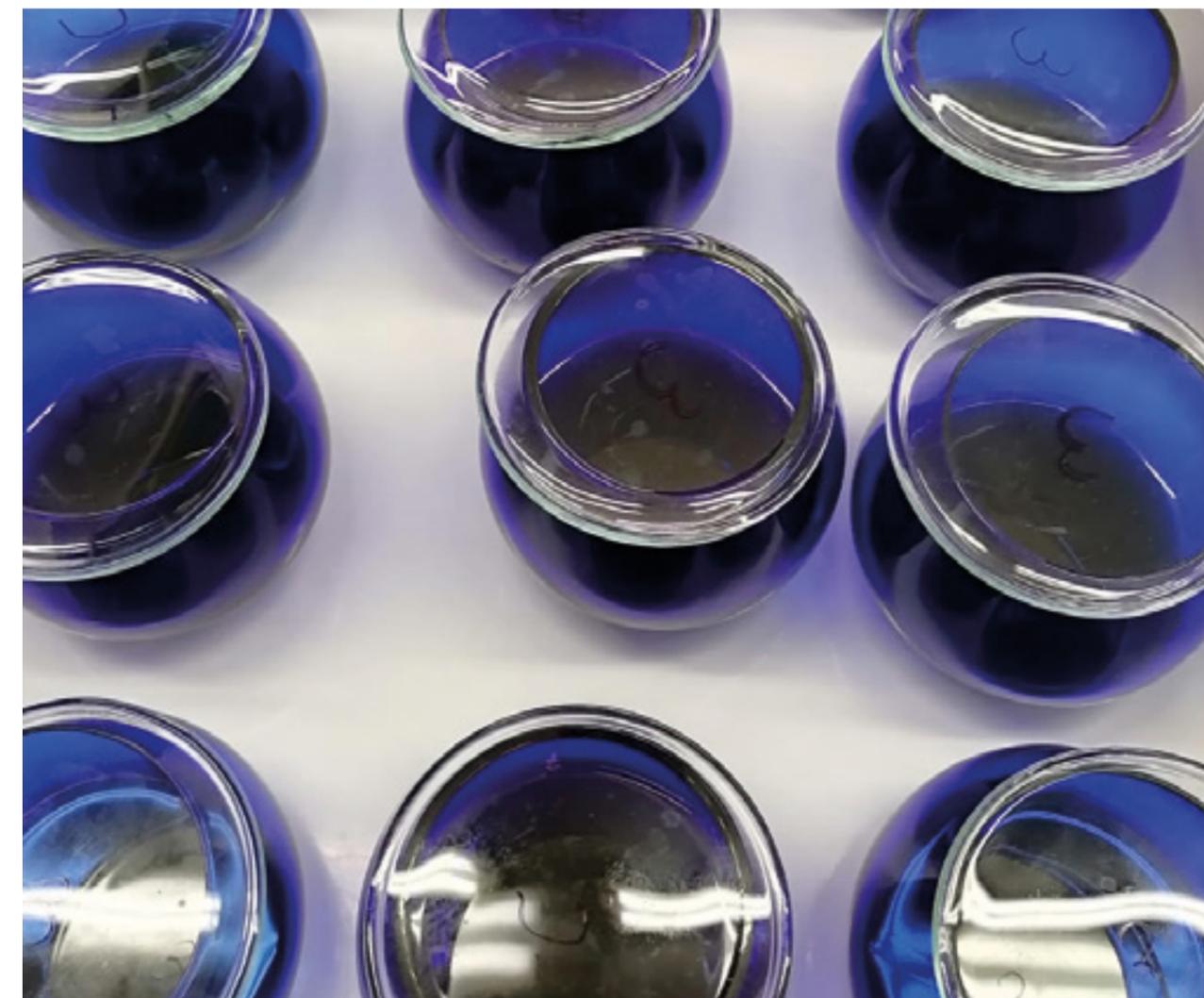
Durante todo o ano, o Laboratório de Química da ACOS analisa azeite e óleo de bagaço de azeitona. Faz análises à qualidade e à pureza do azeite, além das análises que são necessárias para a sua exportação. Além do azeite e óleo de bagaço de azeitona, faz também análises à azeitona e ao bagaço de azeitona na altura da campanha, entre Setembro e Janeiro, sensivelmente. Parte destes ensaios estão acreditados pela norma NP EN/ISO 17025.

O Laboratório de Química da ACOS não é só para sócios da ACOS. Qualquer pessoa que precise dos seus serviços pode dirigir-se às nossas instalações com

as suas amostras e solicitar as análises que necessitar. Temos alguma diversidade de clientes que vão desde olivicultores, a lagares e exportadores passando mesmo por consumidores finais que pretendem saber a qualidade do azeite que compram.

Uma das análises obrigatórias ao azeite é a prova sensorial. A ACOS está em processo de criação de um Painel de Provadores de Azeite. O que podemos adiantar em relação a este serviço?

O painel de provadores é uma necessidade do sector, não só a nível regional, mas mesmo a nível nacional, e permitirá alargar o número de análises disponíveis no Laboratório de Química da ACOS. A criação de um painel de provadores de azeite é um projeto antigo da ACOS, que está a avançar com a colaboração do CEBAL (Centro de Biotecnologia Agrícola e Agro-Alimentar do Alentejo) e que prevemos que esteja em funcionamento já em 2025. As obras já iniciaram e os provadores estão a ser selecionados e avaliados.



ESPAÇO COMERCIAL

da Acos

A ACOS dispõe de um espaço comercial onde é possível adquirir diversos produtos

EQUIPAMENTOS PARA ANIMAIS DE DIVERSAS ESPÉCIES

comedouros, bebedouros, cancelas, mangas, cercas elétricas, material de tosquia, equipamento de identificação animal

PRODUTOS VETERINÁRIOS

RAÇÕES, SILAGENS E SUPLEMENTOS ALIMENTARES

bovinos, ovinos, caprinos, suínos, equídeos, cães, gatos e aves, incluindo pombos

POSTO DE VENDA A RETALHO DE MEDICAMENTOS VETERINÁRIOS

VESTUÁRIO E CALÇADO DE TRABALHO

Visite-nos!

CONTACTOS

Telf. 284 310 350
geral@acos.pt
www.acos.pt



DOSSIER: Pecuária em extensivo



IV CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE PECUÁRIA EXTENSIVA E DESENVOLVIMENTO RURAL

CAMINHOS PARA A **SUSTENTABILIDADE**
E **RENOVAÇÃO GERACIONAL**

📍 **OURIQUE, PORTUGAL**

14 E 15 DE NOVEMBRO DE 2024

congresso-pecuaria-extensiva.pt/

Organizadores



Com o apoio



Candidatura PDR2020 - 214 - 103098 | Operação 2.1.4 | Ações de Informação

IV Congresso de Pecuária Extensiva

A voz do setor

No âmbito do IV Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva, realizado em Ourique a 14 e 15 de novembro, quisemos ouvir os organizadores do evento sobre as suas principais preocupações e expectativas em relação ao presente e futuro do setor da pecuária extensiva. A renovação geracional é uma das questões que é transversal aos dois lados da fronteira, tal como a reivindicação de medidas de apoio específicas na Política Agrícola Comum que integrem e valorizem este tipo de agricultura desenvolvida em território de montado /dehesa, uma especificidade da Península Ibérica. Mas há mais. São unânimes as abordagens sobre a relevância deste tipo de produção para a proteção do ambiente e da biodiversidade, povoamento e desenvolvimento dos territórios de interior, a qualidade diferenciada dos produtos, a resiliência das raças autóctones, sanidade e bem-estar animal, entre várias outras questões.

Renovação geracional como pilar da sustentabilidade na pecuária extensiva



Rui Garrido
Presidente da ACOS -
Agricultores do Sul

Quais as principais preocupações e ameaças que identifica em relação à pecuária extensiva?

A pecuária extensiva é praticada desde tempos imemoriais em toda a região mais interior do país que faz fronteira com Espanha, em que se utilizam maioritariamente vastas áreas de pastagens naturais. Como tal, é uma atividade muito sujeita às contingências climáticas, que se vêm agravando de ano para ano com a ocorrência de sucessivos anos de seca. A consequência imediata é a escassez de pastagem e fraca disponibilidade de recursos alimentares em geral, que conduz cada vez mais a uma dependência de alimentação para os animais vinda do exterior do sistema. Esta situação tem implicado um aumento generalizado do preço dos fatores de produção, o que tem conduzido a uma cada vez menor rentabilidade das explorações pecuárias. Este contexto técnico-económico é muito semelhante nos dois lados da fronteira e daí a necessidade que sentimos de lançar um amplo debate de modo a encontrar as melhores estratégias de política agrícola para sustentar este sector e manter uma vasta área do território rural ocupada. A pecuária extensiva não tem sido historicamente uma das prioridades das sucessivas PAC's. Uma vez que o PEPAC está atualmente em reestruturação, julgamos que é altura de realçar o papel desta atividade captando apoios para a mesma. Dado que os problemas são semelhantes dos dois lados da fronteira, uma atuação conjunta terá mais peso e probabilidade de ser bem sucedida. Daí o Congresso contar com uma sessão

dedicada à PAC com a participação de confederações de agricultores, técnicos dos serviços oficiais e dos responsáveis máximos dos Ministérios da Agricultura dos dois países.

Outra questão que afeta o sector é que, apesar da qualidade reconhecida dos produtos animais originados neste sistema de produção, a mesma não tem sido devidamente valorizada, de forma a incorporar mais-valias para os produtores na origem. Justifica-se aqui uma melhor articulação de todos os elementos da fileira, a começar por uma melhor organização dos produtores ao nível da comercialização. O associativismo é absolutamente crucial e neste âmbito temos que seguir o exemplo dos nossos colegas espanhóis que têm evoluído muito. De referir que o principal destino das nossas exportações agroalimentares é Espanha.



O IV Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva tem como mote "Caminhos para a Sustentabilidade e Renovação Geracional". Como tornar esta atividade sustentável e atrativa para os jovens?

Um dos pilares da sustentabilidade da pecuária extensiva no futuro é a necessidade de atrair gente jovem para esta atividade. A idade dos nossos agricultores é já bastante avançada. De acordo com os dados estatísticos, apenas 4% dos agricultores têm idades inferiores a 40 anos, pelo que se torna absolutamente necessário definir políticas de apoio atrativas para atividades no mundo rural. De acordo com um recente relatório sobre o futuro da agricultura na União Europeia, o problema da renovação geracional é transversal a todos os países membros. Entre algumas medidas propostas, constam a concessão de incentivos mais vantajosos à instalação de jovens agricultores, a promoção de esquemas de acesso à aquisição de terras através da criação de linhas de crédito de médio e longo prazo com juros bonificados, a promoção da igualdade de género e a implementação de medidas de inovação social em territórios rurais. Constituindo a pecuária extensiva a atividade económica principal destas regiões, há ainda necessidade de dispor de ensino agrícola qualificado, com acesso às modernas tecnologias de informação e comunicação em todo o território, facilidade de acesso a condições de saúde, acesso à cultura e acessibilidades condignas que permitam rápida mobilidade de pessoas e produtos.

Há certamente mais aspetos a considerar, uns mais específicos de cada país da UE do que outros, mas que, sendo muito similares no contexto ibérico, certamente serão motivo de reflexão no congresso que estamos a organizar.



Que políticas de fundo considera importantes para promover o desenvolvimento da pecuária extensiva?

A pecuária extensiva é uma atividade com significativo peso económico, contribuindo para a ocupação do território rural de uma vasta região do interior do país. A definição de políticas de apoio ao desenvolvimento rural passam pela avaliação do seu papel produtivo e contributo para a soberania nacional de alimentos bem como dos aspetos sociais, económicos e ambientais. Nas nossas regiões transfronteiriças em particular, as alterações climáticas estão a contribuir para secas prolongadas, sendo a água um elemento essencial para a continuidade da atividade. Entre várias medidas de política de apoio ao sector, algumas já referidas anteriormente, há necessidade de canalizar investimentos para a região de modo a garantir recursos hídricos, em primeiro lugar para as populações residentes e depois para abeberamento dos animais e para pequenos regadios de apoio a forragens e pastagens para os animais. Esta é a única forma de garantir a sustentabilidade ao sector sob pena de abandono progressivo. Através do Centro de Competências do Pastoreio Extensivo, que congrega entidades do mundo académico, associativo e empresarial, estão a ser estudados os vários domínios da pecuária extensiva que depois poderão ser materializados em medidas de apoio ao sector.

Seca é das principais ameaças à pecuária extensiva



Nuno Faustino
Presidente da Associação de Criadores de Porco Alentejano
- ACPA

Quais as principais preocupações e ameaças que identifica em relação à pecuária extensiva?

A seca é sem sombra de dúvida uma das ou talvez a maior preocupação/ameaça que paira sobre a pecuária extensiva. As alterações climáticas, no sul do Baixo Alentejo, têm-se manifestado maioritariamente na forma de secas prolongadas. Sem chuva não há pastagens, não há produção de cereais, feno, palhas, restolhos e nem água para o abeberamento animal. Em suma, a atividade agropecuária nos territórios de sequeiro do Baixo Alentejo está

condenada a muito curto prazo se nada for feito para que alguma água venha também para estes territórios. Estou a referir-me à criação de novas barragens, do aumento da capacidade das barragens existentes, da vinda da água de regiões / locais de onde ela é abundante para zonas onde é escassa... fazer da água uma prioridade nacional a nível das políticas públicas de investimento. É essencial que a água chegue aos territórios onde ela é manifestamente insuficiente. Água é desenvolvimento, é coesão territorial, é economia, é absolutamente indispensável para a sobrevivência destes territórios.



O IV Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva tem como mote “Caminhos para a Sustentabilidade e Renovação Geracional”. Como tornar esta atividade sustentável e atrativa para os jovens?

É necessário dotar estes territórios de infraestruturas que assegurem dignidade para aqueles que equacionam fazer aqui a sua vida e construir as suas famílias, pois sem saúde, educação, cultura, sem um rendimento do trabalho, da atividade agro-pecuária que permita sustentar a família e ter uma qualidade de vida razoável/aceitável, não é possível atrair jovens que queiram dedicar-se a esta atividade, neste território ... é necessário investimento.

Temos uma paisagem magnífica, uma gastronomia fantástica, as nossas produções agropecuárias têm altíssima qualidade, mas sem investimento público, sem apoios / incentivos que minimizem as desvantagens comparativamente aos grandes centros urbanos a nível da saúde, educação, cultura, economia, etc., será muito difícil atrair os mais jovens.

Por outro lado, a agropecuária extensiva de sequeiro é uma atividade em que as suas produções, que são de elevada qualidade, não são devidamente valorizadas. Temos o problema das secas com todas as questões negativas que daí advêm, políticas desajustadas que não têm em consideração as especificidades destes territórios ... será necessário, em primeiro lugar, que exista vontade por parte dos decisores políticos de querer perceber todas estas questões.

Que políticas de fundo considera importantes para promover o desenvolvimento da pecuária extensiva?

Parece-me que terá que existir uma nova abordagem para estes territórios inclusivamente a nível da política, do peso político destes territórios. Os políticos tendem a perseguir os votos e os votos estão nos centros urbanos e é para estes territórios que as políticas são feitas e adaptadas, o investimento é aí, maioritariamente, realizado... Um território enorme (Beja, Évora e Portalegre) elege 8 deputados, 1/3 do território... como podem estes 8 influenciar políticas para os seus territórios, captar investimento público para estes territórios... ano após ano o fosso aumenta... menos população menos deputados ... menos deputados menos investimento publico, menos políticas adaptadas a estes territórios.

Tem que se ver o País como um todo e realizar mais investimento nos territórios do interior. Cada vez as políticas para o mundo rural e para interior são feitas por quem não conhece os territórios, as potencialidades dos mesmos, a cultura e as tradições e, mais grave, sem qualquer respeito por quem aqui trabalha e vive. Será necessário rever a forma da representatividade destas regiões na política nacional porque se assim não acontecer o fosso entre estes territórios e o mundo urbano vai aumentar e em breve iremos eleger 6 deputados... 3 e por fim 0.

Interesses económicos são poderosos e estão a arrastar decisores políticos e opinião pública



João Palmeiro
União dos ADS do Alentejo

Quais as principais preocupações e ameaças que identifica em relação à pecuária extensiva?

Há diversas questões preocupantes no que diz respeito à pecuária extensiva, entre as quais poderia destacar a baixa rentabilidade das explorações, as restrições provocadas pelas doenças emergentes e pelos surtos cíclicos de diversas doenças, o elevado custo dos fatores de produção, a redução dos apoios à manutenção deste tipo de atividade e a escassez de mão de obra.

É preciso desmistificar algumas ideias erradas e altamente perigosas que se estão a propagar na sociedade em geral, nomeadamente, quanto ao consumo de carne, e aos impactos negativos da pecuária, incluindo a extensiva, sobre o ambiente e o clima. Este ativismo climático baseado em ideias não alicerçadas diretamente em conhecimento científico é uma ameaça real.

Os interesses económicos e ideológicos por detrás das campanhas contra a pecuária são poderosos e estão a arrastar

os decisores políticos e grande parte da opinião pública, que estão constantemente a ser bombardeados com termos como emissões poluentes, desflorestação, perigos para a saúde, maus tratos para os animais.

Temos de continuar a tentar demonstrar que a realidade é diferente, sobretudo através destas formas de produção que fazemos no extensivo e da sua qualidade diferenciada. Porque nem todas as formas de produzir são iguais e nem todas têm o mesmo impacto sobre o ambiente ou o bem-estar dos animais!

As alterações climáticas são outra ameaça cada vez mais presente e com consequências dramáticas para a pecuária extensiva, não só por diminuir a disponibilidade de alimento das pastagens e de água mas também porque propicia o aparecimento de vetores transmissores de diversas doenças altamente infecciosas e que se propagam a uma velocidade vertiginosa.



O IV Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva tem como mote “Caminhos para a Sustentabilidade e Renovação Geracional”. Como tornar esta atividade sustentável e atrativa para os jovens?

O envelhecimento contínuo da população agrícola retira vitalidade à pecuária em geral e à extensiva em particular, pois esta é muitas vezes considerada o parente pobre, digamos assim, da atividade pecuária, quando tem tudo para ser um esteio do mundo rural.

Penso que só poderemos atrair jovens para esta atividade se começarmos com novas abordagens educativas junto das crianças, nas escolas, promovendo a agricultura e a valorização dos animais no seu meio ambiente natural, como acontece nas regiões de montado, por exemplo.

É também fundamental lançar campanhas de comunicação que destaquem o propósito social de se ser agricultor e criador de gado e até o orgulho pelo papel que essas pessoas desempenham para a soberania alimentar, para o povoamento das regiões do interior, para a limpeza e manutenção das paisagens e para a biodiversidade.

Quando não se faz a renovação geracional há uma perda de conhecimento, de experiência, mas também de inovação e dinamismo, que são irreparáveis. A implementação de novas tecnologias, tão do agrado dos jovens, é outro aspecto que pode ser fomentado por ir de encontro às novas tendências.

Mas, acima de tudo, a pecuária extensiva tem que ser uma atividade rentável, com um retorno económico que cativa os jovens, através de preços mais justos e pagamentos pelos serviços de conservação dos solos e dos ecossistemas. Os jovens devem poder encará-la não como uma atividade do passado mas como uma profissão do presente e com futuro.

Que políticas de fundo considera importantes para promover o desenvolvimento da pecuária extensiva?

Julgo que é absolutamente necessário que, tanto a União Europeia, como o Governo português, dêem a atenção devida a esta forma de produzir animais, pois ela é diferente de muitas outras e não tem os impactos negativos a elas associados, muito pelo contrário.

Além de campanhas gerais de comunicação sobre a importância da agro-pecuária para a alimentação humana, é fundamental fazer campanhas específicas sobre a pecuária extensiva, evidenciando os seus importantes contributos para a sociedade e para a manutenção da vitalidade dos espaços rurais, das vilas e pequenas aldeias do interior, até pela interação e potenciação de atividades complementares que aqui se realizam, como a caça, o turismo, a gastronomia e a cultura.

É obrigatório criar novos e específicos programas de incentivo à pecuária extensiva, através de apoios públicos, uma vez que o que os produtores obtêm da venda dos produtos não chega para sobreviver. Tem que se investir no associativismo dos produtores, para a produção, sanidade, comercialização e transformação dos seus produtos, indo de encontro às elevadas exigências dos consumidores.

Em suma, importa dignificar a imagem do produtor pecuário em extensivo, dando-lhe condições para continuar a exercer a atividade.

Necesario diseñar un modelo de PAC específico para la ganadería extensiva



Agustín González
Presidente da OVIPOR

Los próximos 14 y 15 de noviembre, todo el sector de la ganadería extensiva tiene una cita en Ourique, donde tendrá lugar el IV Congreso Hispano-Luso de ganadería extensiva y desarrollo rural.

Este congreso, nació con el ánimo de poner en valor y de diferenciar la ganadería extensiva, aquella que se cría en las dehesas, propia de todo el suroeste de la península ibérica, de la intensiva y, hacer ver, a la sociedad en general, y a nuestras administraciones, en particular, el abismo existente entre ambas, para las que es imposible la aplicación de las mismas políticas de desarrollo y sostenibilidad.

Pienso que en aquella primera edición, conseguimos alcanzar nuestro objetivo, y que, el enfoque del congreso ha podido cambiar mucho, para centrarnos ya, en esta IV convocatoria, en los problemas que arrastra nuestra forma de producción en extensivo, que no son pocos, ni de fácil solución.

El lema elegido en esta ocasión es "Camino para la sostenibilidad y el relevo generacional", principales preocupaciones y amenazas a los que nos enfrentamos los que producimos ganado en las dehesas de la península ibérica. Pretendemos en este congreso ahondar en ambas cuestiones, descifrando, las causas por las cuales la sostenibilidad no está garantizada, y el relevo generacional no se produce.

Para que la actividad ganadera sea sostenible, debe serlo ambiental, social

y económicamente hablando. Si bien la ganadería extensiva cumple con creces las dos primeras, pues conforma un modelo productor fundamental para el mantenimiento de los ecosistemas y la biodiversidad de nuestro territorio y, además, fija población en territorios rurales; es una realidad que está muy limitada en cuanto a sostenibilidad económica se refiere. No cabe duda que ello afecta a que no sea una actividad atractiva para nuestros jóvenes, y el relevo generacional no se esté produciendo como debiera.

Bajo mi punto de vista, no es sólo cuestión de baja rentabilidad, también influye y mucho, la visión que la sociedad tiene de esta actividad, el "sacrificio" que implica su desarrollo, sin descanso en fines de semana ni festivos, así como el gran peso que la burocracia administrativa carga sobre los ganaderos.

Las políticas de desarrollo de este sector deben contribuir a incentivar a los jóvenes a su incorporación y al mantenimiento de la actividad de los no tan jóvenes abocados al abandono de la misma, en base a políticas reales de simplificación de la carga burocrática a todos los niveles, con el desarrollo de normativas simples que se puedan cumplir, así como con políticas que velen por el cobro justo de los productos ganaderos con alto valor añadido, como son los nuestros.

Durante este IV Congreso, en el que participarán grandes expertos en todas las materias, e incluso políticos y personas capaces de tomar decisiones con respecto al futuro de este modelo de explotación, también se expondrán los resultados de varias encuestas, realizadas entre ganaderos socios de las cooperativas OVIPOR Y COVAP, poniendo así de manifiesto la realidad actual y el futuro inmediato de nuestro modelo ganadero.

Para revertir la evolución y tendencia actual de caída libre y abandono de explotaciones, será necesario actuar de manera inmediata en varios frentes:

-Por un lado, sería necesario diseñar un modelo de PAC específico para la ganadería extensiva, que sea simple, exento de burocracia y con suficiente dotación económica, de tal manera que permita rentabilidad económica a los jóvenes que seamos capaces de ilusionar.

- Tenemos que hacer ver a nuestra sociedad la importancia para el futuro de todos de la necesidad de conservar este modelo de explotación y evitar las campañas de desprestigio que llevan a cabo grupos (ecologistas, animalistas, veganos, etc.), que permanentemente atacan, sin conocimiento, este modelo.

- Y por último, convencer a nuestros políticos de que actúen. Que dejen de hablar de lo bonito y beneficioso que es la existencia de la ganadería extensiva en nuestro territorio y tomen, ya, decisiones que hagan realidad la incorporación de jóvenes y el relevo generacional que tanto necesita este modelo.

Desde estas páginas quiero animar a todas las personas que las lean a participar activamente en este congreso. Somos muchas las personas enamoradas de nuestro mundo ganadero y no nos podemos dar por vencidos.



Ganadería extensiva, base de nuestra alimentación y de desarrollo del territorio



**Ángel J. Pacheco
Conejero**

Presidente das Cooperativas
Agro-alimentarias Extremadura

Hacer atractiva la actividad de la ganadería extensiva como profesión es uno de los retos que tiene actualmente este sector. Necesitamos llegar a los jóvenes, que vean que hay futuro aquí, que se usen nuevas tecnologías, que hay nuevas formas de gestión que permiten conciliar la vida profesional y personal... Y además tenemos que ponérselo fácil, porque es cierto que el principal problema de esta actividad es el acceso a la tierra para poder dedicarte a ella. Tener terreno para una explotación ganadera en extensivo es complicado y sería vital poner en marcha medidas que lo faciliten de alguna forma.

Precisamente el relevo generacional es uno de los asuntos que abordaremos en noviembre durante el IV Congreso Hispano-Luso de Ganadería Extensiva, para el que la localidad portuguesa de Ourique toma el relevo de Cáceres, donde ya lo celebramos hace dos años. Aquí abordaremos asuntos como la comercialización, la sanidad animal y vegetal o la generación de valor en el territorio, entre otros.

Y es que la ganadería extensiva es, sin duda, esencial para nuestra alimentación y para el desarrollo del territorio. Estamos hablando de razas autóctonas, de bienestar animal, de manejo profesional, de aprovechamiento de recursos naturales, de conservación del medio ambiente... de tantos aspectos positivos para toda la sociedad que hacen que, si la ganadería extensiva no existiera, habría que crearla.

Por eso es preciso que haya políticas que impulsen el desarrollo de la ganadería extensiva, fundamentalmente en materia de sanidad animal. Sería conveniente que existiera un consenso entre todas las comunidades autónomas en esta área, teniendo en cuenta que actualmente tenemos distintas normativas con diferentes y múltiples condiciones que nos complican mucho, por ejemplo, el movimiento de ganado vivo. Y esto dificulta mucho la actividad a la hora de comercializar el ganado. Es primordial una homogeneidad en este asunto.



Las Administraciones regionales deberían contar con una política coordinada y única en materia de sanidad animal, que fuese común para todas las comunidades autónomas y que además desde el Ministerio se trabajase para que fuese una política acorde también con Portugal, abordando este asunto también desde una óptica transfronteriza.

Sería una forma de impulsar este sector, tan sostenible desde todos los puntos de vista. Es fundamental poner en valor este sistema extensivo de producción ganadera y, para ello, es indispensable dar a conocer la importante aportación medioambiental de su gestión e impulsar las cooperativas ganaderas, que juegan un gran papel en todo ello, ofreciendo un profesional en el asesoramiento técnico a ganaderos y en la creación de valor de sus producciones.

Creo que es destacable la fortaleza que representan las cooperativas agro-alimentarias y que es preciso impulsar la comunicación por parte del sector agroganadero para dar a conocer a la sociedad todo lo que representa. La ganadería extensiva en la Península Ibérica tiene una importancia trascendental para toda la sociedad, así como su papel en la sostenibilidad medioambiental pero también las personas, que son clave en el mantenimiento del territorio.

Sustentabilidade, renovação geracional e efetivo apoio à produção em extensivo

O IV Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva que se realizou em Ourique (Baixo Alentejo) a 14 e 15 de novembro, e que contou com cerca de 400 participantes, revelou-se em sintonia com os próximos desafios da Política Agrícola Comum (PAC). Esta é uma das conclusões do evento que tomou a sustentabilidade a renovação geracional como o mote principal dos trabalhos.

Considerado um problema estrutural por resolver, o processo da renovação geracional no setor agrícola carece de mecanismos que reforcem incentivos financeiros e fiscais que tornem a atividade mais atrativa para os jovens, mecanismos de acesso à terra por parte de novos agricultores, a criação de estratégias e implementação de planos de ação que assegurem a renovação geracional. E ainda, entre muitas outras medidas, a criação e desenvolvimento de programas de inovação social e de formação profissional, e o reconhecimento de competências que dignifiquem e prestigiem a profissão.



Conclusões do IV Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva

Caminhos para a Sustentabilidade e Renovação Geracional

A renovação geracional no sector agrícola é o maior problema estrutural por resolver.

- Apenas 3,1% dos jovens agricultores na Europa têm idades inferiores a 40 anos;
- Necessidade importação de mão-de-obra e definição de política de integração de migrantes adequadas;
- Necessidade de reforçar incentivos financeiros e fiscais conducentes à atratividade de jovens para o sector;
- Desburocratização das obrigações administrativas e dos acessos aos apoios nacionais e comunitários;
- É necessário criar os mecanismos adequados, a médio e longo prazo, para o acesso à terra por parte de jovens e de novos agricultores;
- As organizações de produtores têm um papel fundamental na definição de estratégias e implementação de planos de acção que assegurem a renovação de gerações;
- Programas de inovação social e de formação profissional, bem como o reconhecimento de competências, são aspectos cruciais para a dignificação e prestígio da profissão, que podem contribuir para atrair jovens para o sector agrícola;
- A digitalização da agricultura e o desenvolvimento de estruturas e equipamentos nas zonas rurais são determinantes para a fixação de jovens agricultores.

As actividades do mundo rural estão a tornar-se invisíveis porque não são devidamente percebidas e valorizadas pelo mundo urbano

- Como resultado da globalização, as sociedades urbanas preocupam-se actualmente mais com questões ambientais, de alteração climática e de Bem-Estar Animal, e penalizam mesmo os agricultores pelas suas actividades, não valorizando a sua função de produtores de alimentos;



- As normas Europeias estão a tornar-se cada vez mais complicadas para os agricultores;

- O crescimento da população mundial vai fazer aumentar significativamente as necessidades de produção de alimentos. Com as limitações ao nível da Superfície Agrícola Utilizada a nível global, e tendo em consideração constrangimentos ambientais e climáticos, é necessário dispor de unidades de produção cada vez mais eficientes mediante utilização de tecnologias avançadas, maior profissionalismo e melhor gestão no sector;

- A integração vertical das estruturas associativas em agrupamentos de produtores de maior dimensão ajuda a ganhar escala, eficiência, poder negocial e maior retorno para os agricultores.

A sanidade animal tem uma importância económica muito relevante, sendo necessária aprofundar a política conjunta a nível ibérico seguindo o lema “prevenir é melhor que curar”

- A saúde animal tem impacto ao nível da saúde pública e ambiental e ao nível da viabilidade económica das explorações, o que vai ao encontro de um dos maiores desafios do planeta, que é salvaguardar a estratégia “Uma Só Saúde – One Health”;

- No âmbito das doenças vectoriais emergentes, de que é exemplo a Língua Azul, a vacinação é o método mais eficiente e económico de controlar a doença;

- Com a experiência e conhecimento acumulados até hoje sobre as doenças vectoriais, nomeadamente com a Língua Azul que se tornou um problema estrutural, torna-se clara a ineficiência de programas de erradicação em oposição a programas de controlo assentes na detecção precoce, análise de risco e profilaxia vacinal;

- No âmbito da Língua Azul, é necessário estimular a investigação, o desenvolvimento e a produção de vacinas multivalentes, nomeadamente com recurso a metodologias genómicas.

A produção animal extensiva é indissociável do ecossistema montado na Península Ibérica

- Medidas da PAC deverão ser ajustadas às especificidades dos territórios, tendo em consideração o solo, o clima e a diversidade de actividades agro-silvo pastoris;

- Apoios aos criadores de animais em função da área afectada ao sistema de produção e não ao animal (encabeçamento);

- Necessidade de medidas de apoio específicas para o combate e à mitigação dos efeitos das alterações climáticas;

- Necessário investimento público significativo numa rede

para fornecimento de água às explorações em todo o território do interior transfronteiriço para apoio a pequenos regadios, abeberamento de animais e abastecimento de águas às populações.

- Necessidade de uma melhor compreensão do mercado de créditos de Carbono. Deverá ser garantido o acesso das explorações pecuárias a este mercado, que carece de rápida regulação.

Os produtos associados à pecuária extensiva têm qualidade reconhecida, mas só com organização e comercialização conjunta é possível obter rendimentos para os produtores

- Há uma grande desigualdade de peso na fileira entre quem produz e vende e quem compra (grande distribuição). Torna-se imperioso regular esta relação;

- É necessário exigir que se aplique o princípio da reciprocidade (ou “Cláusula Espelho”) nas relações comerciais com países terceiros;

- Há alguma dificuldade em destacar marcas associadas ao montado/dehesa, com aceitação e reconhecimento pelo público consumidor;

- São necessárias medidas de promoção dos produtos da pecuária extensiva. Essa promoção só é possível se os produtores estiverem integrados em estruturas associativas por forma a ganharem escala e poder negocial.



As medidas da PAC têm de ser reavaliadas e ajustadas às especificidades dos sistemas de produção animal extensiva ao nível ibérico

- A PAC é uma política barata quando comparada com os benefícios que aporta à Sociedade (0,6% do Orçamento Europeu).

- O Orçamento da PAC deverá assegurar pagamentos adequados à Pecuária Extensiva. É reconhecido o relevante papel da Pecuária Extensiva, mas a sua importância não se materializa ao nível de pagamentos – normalmente a Pecuária Extensiva é relegada para 2º plano;

- Os Planos Estratégicos deverão considerar os recursos. No entanto, não deverão esquecer se os mecanismos disponíveis, tendo em vista os objectivos, são os mais indicados. O problema não é afectar mais dinheiro; é antes afectar os recursos comuns da forma mais adequada;

- O objectivo da PAC é aumentar a produção de alimentos e o rendimento dos agricultores, com respeito pelas regras ambientais e de Bem-Estar Animal. A PAC tem de ser uma verdadeira Política Agrícola e não Agro-Ambiental.

- A PAC tem de ser uma Política Económica, focada na rentabilidade dos agricultores com mais cooperação entre países e entre as várias Políticas – Agrícola, Ambiental e Comercial. É importante evitar a todo o custo a renacionalização da PAC;

- Na área da soberania alimentar e do ambiente, há vários aspectos a melhorar: genética, alimentação animal, reciclagem, recirculação, aproveitamento energético dos efluentes, etc., pois importamos 30 a 40% da proteína que consumimos na EU;

- É importante remunerar os serviços ambientais e de Bem-Estar Animal a partir de outra fonte de financiamento que não a PAC;

- As ameaças geopolíticas estão cada vez mais na ordem do dia, mas o sector agrícola não pode ser utilizado como moeda de troca para as negociações geoestratégicas com países terceiros.



FORMAÇÃO PRESENCIAL

FORMAÇÕES MODULARES CERTIFICADAS



ACOS AGRICULTORES DO SUL

JOVEM AGRICULTOR

Formação Base (50h)

11026 – Agricultura Sustentável (50h)

Formação Complementar (100h)

6362 – Empresa Agrícola – Economia e Fiscalidade (25h)

6364 – Análise de Investimentos Agrícolas (50h)

7598 – Comercialização e Marketing Agroalimentar (25h)

MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA

Conduzir e Operar o Trator em Segurança (50h)

Mecanização Básica e Condução de Veículos Agrícolas (250h)

2951 – Regulação, operação e manutenção de motosserra (50h)

0420 – Movimentação e Operação de Empilhadores (50h)

PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS

Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos (50h)

Distribuição e Comercialização de Produtos Fitofarmacêuticos (25h)

Atualização em Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos (25h)

BEM-ESTAR ANIMAL

6852 – Proteção de Ruminantes e Equinos em Transporte de Longa Duração (25h)

6855 – Proteção de Ruminantes e Equinos em Transporte de Curta Duração (25h)

6856 – Proteção de Suínos em Transporte de Curta Duração (25h)

6849 – Proteção de Ruminantes e Equinos nos Locais de Criação (25h)

6850 – Proteção de Suínos nos Locais de Criação (25h)

CONSERVAÇÃO DO SOLO

4436 – Solos e Fertilidade (50h)

7581 – Nutrição das plantas (25h)

MODO DE PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL

Modo de Produção Integrado (50h)

Modo de Produção Biológico (50h)

6866 – Técnicas de compostagem (25h)

REGADIO

Fertilização e Rega no Olival (50h)

2941 – Técnicas de Regadio (25h)

2942 – Instalação e Regulação de Sistemas de Rega (25h)

CULTURAS

7654 – Cultura de Olival em Modo de Produção Biológico – Programação, Organização e Orientação (50h)

7638 – Cultura de plantas aromáticas, medicinais e condimentares em modo de produção biológico – programação, organização e orientação (50h)

7655 – Cultura de Amendoeira – programação, organização e orientação (25h)

7664 – Cultura de Olival em modo de produção biológico – programação, organização e orientação (50h)

SEGURANÇA E HIGIENE NO TRABALHO

6366 – Segurança e Saúde no Trabalho Agrícola (50h)

0349 – Ambiente, Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho (25h)

4478 – Técnicas de Socorrismo – Princípios Básicos (25h)

3127 – Prevenção de Incêndios Rurais

TURISMO

6365 – Turismo em Espaço Rural (25h)



CONTACTOS

Serviço de Formação Profissional da ACOS

Telf. 284 310 350 | formacao@acos.pt | www.acos.pt

FORMAÇÃO A DISTÂNCIA

FORMAÇÕES MODULARES CERTIFICADAS



ACOS AGRICULTORES DO SUL

JOVEM AGRICULTOR

Formação Base (50h)

11026 – Agricultura Sustentável (50h) e-learning

Formação Complementar (100h)

6362 – Empresa Agrícola – Economia e Fiscalidade (25h) e-learning

6364 – Análise de Investimentos Agrícolas (50h) e-learning

4158 – Agrimensura (25h) e-learning

PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS

Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos (50h) b-learning

Distribuição e Comercialização de Produtos Fitofarmacêuticos (25h) b-learning

Atualização em Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos (25h) e-learning

MODO DE PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL

Modo de Produção Integrado (50h) e-learning

Modo de Produção Biológico (50h) e-learning

6799 – Bovinicultura em Modo de Produção Biológico (50h) b-learning

TURISMO

6365 – Turismo em Espaço Rural (25h) e-learning

REGADIO

Fertilização e Rega no Olival (50h) b-learning

CULTURAS

6285 – Operações Culturais de Implantação, Condução, Manutenção e Colheita de Pomares – Medronho (50h) b-learning

7654 – Cultura de Olival em Modo de Produção Biológico – Programação, Organização e Orientação (50h) b-learning

7638 – Cultura de plantas aromáticas, condimentares e medicinais em MPB – Programação, Organização e Orientação (50h) b-learning

SEGURANÇA E HIGIENE NO TRABALHO

6366 – Segurança e Saúde no Trabalho Agrícola (50h) e-learning

0349 – Ambiente, Segurança e, Higiene e Saúde no Trabalho (25h) e-learning

4478 – Técnicas de Socorrismo – Princípios Básicos (25h) b-learning



CONTACTOS

Serviço de Formação Profissional da ACOS

Telf. 284 310 350 | formacao@acos.pt | www.acos.pt

Ser agricultor hoje é ser multifacetado



Sandra Palma Ferro
Vice-Presidente da ACOS

“O agricultor atual vai muito além da imagem tradicional de uma pessoa que trabalha a terra e cuida dos animais, tendo que ter competências e perspetivas que acompanhem as exigências da agricultura globalizada e tecnológica”. A afirmação pertence a Sandra Palma Ferro, Vice-Presidente da ACOS desde 2022. Ao sublinhar que “o dia a dia de todos os que trabalham na ACOS tem o foco num acompanhamento próximo e eficaz ao agricultor, para que não só consiga proteger os seus direitos, como também as suas necessidades”, a Vice-Presidente conhece também os serviços da Associação enquanto cliente. É na condição de cliente que refere os serviços a que mais recorre, como assistência técnica ao agricultor, os serviços de candidaturas e ajudas diretas, sistema de Identificação parcelar, centro de inspeção de pulverizadores. E, com base na sua experiência sublinha que “os serviços de Apoio Técnico da ACOS são de extrema importância para a atividade dos agricultores, especialmente numa região como o Alentejo, onde as condições climáticas e os desafios produtivos são significativos”. Com estudos Avançados de Doutoramento em Tecnologia dos Alimentos, Sandra Palma Ferro, tem Mestrado em Ciência e Engenharia dos Alimentos, tendo-se licenciado em Engenharia Agrícola. Em discurso direto debruça-se ainda sobre a agricultura de sequeiro e a agricultura de regadio que “assumem papéis complementares”.



A Sandra Palma Ferro faz parte dos corpos sociais da ACOS. Qual o papel que confere a uma associação, como a ACOS, enquanto voz do setor?

Desde 1983 que a ACOS tem tido um papel marcadamente relevante, no que toca à programação e organização do sector agrícola sendo importante ressaltar que a ACOS é muito mais que a organização da Ovibeja. O dia a dia de todos os que trabalham na ACOS tem o foco num acompanhamento próximo e eficaz ao agricultor, para que não só se consiga proteger os seus direitos, como também as suas necessidades. Neste sentido enquanto membro da direção pretendo contribuir para que o trabalho prestado pela ACOS seja cada vez mais cuidado, com uma perspetiva de inovação, de sustentabilidade e de modernidade trazendo valor acrescentado ao sector.

A Sandra Ferro é também cliente da ACOS, especialmente dos Serviços de Apoio Técnico. Tendo em conta o que conhece, como avalia a importância destes serviços para a atividade dos agricultores? Quais os serviços a que mais tem recorrido?

Os Serviços de Apoio Técnico da ACOS são de extrema importância para a atividade dos agricultores, especialmente numa região como o Alentejo, onde as condições climáticas e os desafios produtivos são significativos. O cliente destes serviços tem acesso a um conjunto de orientações e suporte que podem fazer a diferença na gestão eficiente e sustentável da sua atividade agrícola. Fornecem assistência prática e especializada, ajudam agricultores a otimizar os seus processos produtivos, a estar em conformidade com as leis e a adotar novas tecnologias, garantindo assim maior eficiência e competitividade no setor.

Os Serviços de Apoio Técnico a que mais tenho recorrido são: serviços de candidaturas a ajudas diretas, sistema de identificação parcelar, assistência técnica ao agricultor, centro de inspeção de pulverizadores. Tenho também recorrido aos serviços de formação profissional quer no âmbito pessoal quer para soluções de formação para empresas.

Que perfil, ou perfis podemos traçar sobre o agricultor de hoje? O que é ser agricultor hoje?

O perfil do agricultor de hoje reflete uma série de transformações económicas, tecnológicas e sociais pelas quais a agricultura tem passado nas últimas décadas. O agricultor atual vai muito além da imagem tradicional de uma pessoa que trabalha a terra e cuida dos animais, tendo

que ter competências e perspetivas que acompanhem as exigências da agricultura globalizada e tecnológica. Ser agricultor hoje é ser multifacetado. É um empreendedor, gestor, tecnólogo e, acima de tudo, um agente de transformação. O agricultor contemporâneo precisa de equilibrar a eficiência produtiva com práticas sustentáveis, tecnologias de ponta com o conhecimento tradicional, e lidar com os desafios locais e globais que afetam a sua produção. Esta complexidade torna o perfil do agricultor atual dinâmico e essencial para a economia e para a sustentabilidade do planeta.

O Alentejo tem duas realidades agrícolas distintas: a de regadio e a de sequeiro, que representa a maior área agrícola. Que relevância assume cada uma delas?

A agricultura de sequeiro é adaptada às condições naturais do Alentejo, que são frequentemente áridas, sendo uma forma sustentável de exploração agrícola em áreas onde a água é um recurso escasso. A manutenção desta agricultura preserva o património cultural e natural da região, contribuindo para a conservação de solos e para a biodiversidade local. O sequeiro é muitas vezes utilizado em sistemas de pecuária extensiva, particularmente na criação de gado, que é outra atividade tradicional da região. Estas áreas de pastagem são essenciais, por exemplo, para manter a produção de carne de alta qualidade, como a carne de borrego ou porco alentejano.

A agricultura de regadio transformou radicalmente a agricultura do Alentejo, permitindo o desenvolvimento de culturas em modo mais intensivo e de elevado valor comercial, como os olivais, amendoais, vinhas, hortícolas, milho e outras frutas. Estas culturas são mais lucrativas e aumentaram o rendimento agrícola da região, fomentando a exportação e o desenvolvimento de novas agroindústrias, nomeadamente lagares e adegas. A expansão do regadio criou novas empresas e organizações com oportunidades de emprego, tanto no campo como em áreas associadas, como a logística, processamento e comercialização.

Em suma, a agricultura de sequeiro e a de regadio no Alentejo assumem papéis complementares. O sequeiro mantém viva a tradição agrícola, a sustentabilidade ecológica e apoia a pecuária extensiva, enquanto o regadio promove a modernização, aumento de produtividade e diversificação de culturas, sendo vital para o crescimento económico da região. No entanto, é crucial equilibrar o desenvolvimento agrícola com a preservação dos recursos naturais e a adaptação às condições climáticas futuras para garantir a sustentabilidade a longo prazo.

Parabéns à ACOS!



Idalino Leão
Presidente da CONFAGRI

A propósito do tema Associativismo Agrícola, tão caro às organizações do setor e tão importante para reforçar a voz dos produtores e a resposta às suas necessidades, o Presidente da CONFAGRI disponibilizou, a nosso pedido, um texto sobre o tema que a ACOS colocou como central na 40ª edição da Ovibeja. Por lapso nosso, o texto não foi publicado nessa edição do evento. Recuperamo-lo agora porque é uma matéria sempre atual.

A primeira palavra tem de ser de felicitações à Organização, que se assume como um símbolo, um sentimento e uma forma de estar de uma região, que ao longo dos anos se destacou também como uma Marca no contexto Agrícola Nacional.

Como Presidente da CONFAGRI é uma Honra, estar uma vez mais associado a este Grande Evento, que quis a História que também coincidissem com um Novo Ciclo político na Agricultura, que esperamos todos que seja de afirmação deste sector, como um sector estratégico para os designios e soberania de Portugal.

Neste novo ciclo espero que se reconheça a importância das Cooperativas Agrícolas, pois representam a vertente socioeconómica do associativismo agrícola.

As características estruturais dominantes do setor produtivo agrícola, fragilizam a posição dos produtores na fileira agroalimentar, que constituem o seu elo mais fraco, a nível do poder negocial e da distribuição do valor gerado na fileira.

As Cooperativas são neste contexto, formas de associativismo essenciais para atenuar esta fragilidade, na medida em que concentram, transformam e acrescentam valor à produção primária. Esta função é ainda complementada por múltiplas atividades de inestimável valor para os seus associados, como a venda dos fatores de produção e a assistência técnica.

Nunca é de mais assinalar características diferenciadoras das Cooperativas face a

outras empresas, como a livre adesão, a participação democrática e a proximidade e permanência das Cooperativas nos territórios. Onde mesmo o Estado nas suas múltiplas valências já não está presente, contribuindo assim para a fixação de pessoas aos territórios, gerando valor e postos de trabalho.

A CONFAGRI ao longo da sua existência, tem tido como principal missão dar o devido relevo à importância social e económica das Cooperativas Agrícolas e dos seus agricultores pugnar por medidas que permitam reforçar o seu papel na agricultura nacional. Assim, temos vindo a defender insistentemente, incentivos à Capacitação Institucional das Cooperativas a três níveis. Capacitação a nível dos recursos Humanos, a nível estrutural e financeiro e potenciando os ganhos de escala, fomentando as Organizações de produtores e a sua desburocratização de forma a ser maximizado o seu potencial agregador da produção nacional.

A CONFAGRI, é uma organização de cúpula do sector Agrícola em Portugal que tem as portas abertas a todas as organizações que queiram trabalhar connosco, aos quais disponibilizamos os nossos serviços de apoio Promovendo aquilo que fazemos melhor, que técnico, jurídico, formação e inovação. São alimentos seguros e saudáveis para todos. A CONFAGRI saúda a ACOS pela escolha do tema "Associativismo Agrícola na última edição da OVIBEJA e agradece o convite para participar na reflexão sobre este tema sempre tão pertinente e oportuno.

Língua Azul 2024

Uma das maiores crises sanitárias de que há memória no sector ovino em Portugal

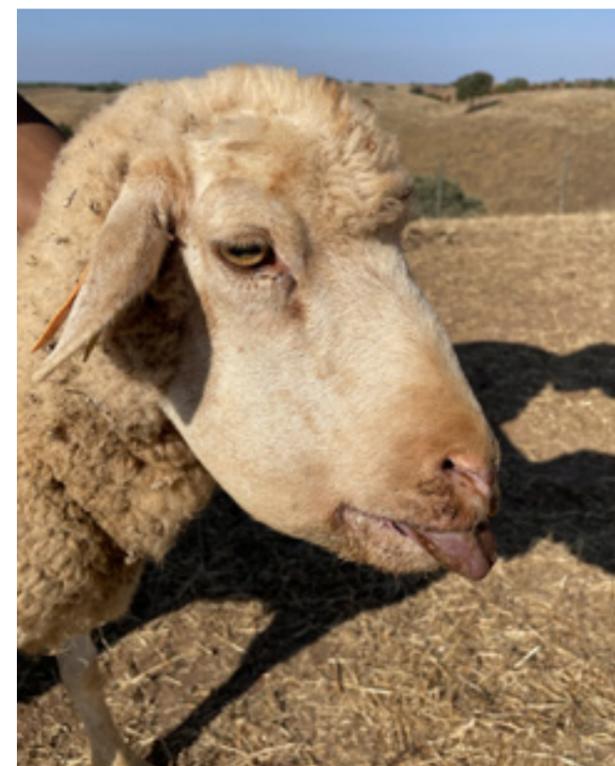


Miguel Madeira
Médico Veterinário
Vice-Presidente da ACOS

A Febre Catarral Ovina, vulgarmente conhecida por Língua Azul, é uma doença vírica que afeta os ruminantes e é habitualmente transmitida entre estes pela picada de insetos vetores do Género *Culicoides*. Esta doença não é transmissível aos humanos.

Existem 24 serotipos do vírus com importância clínica. Estes serotipos têm virulências diferentes e não desenvolvem imunidade cruzada entre si, isto é, a imunidade para um determinado serotipo não protege o animal para os restantes. Na prática, significa que estamos perante 24 doenças distintas!

Tendo em conta a relevância da ovinicultura na estruturação e na economia dos territórios, nomeadamente nas zonas do interior, mais frágeis do ponto de vista social e económico, e o potencial destrutivo da crise sanitária que nos assolou, parece-nos de elementar justiça esperar, com muita brevidade, por parte da nossa Administração, medidas de apoio à produção proporcionais aos enormes prejuízos observados.



A Língua Azul não é propriamente uma novidade para os ovinicultores portugueses, constatando-se a sua presença em Portugal continental, nos tempos mais recentes, desde 2004, com circulação inicialmente do serotipo 4 e depois do 1.

O Surto de 2024

As primeiras suspeitas clínicas em ovinos compatíveis com esta doença, embora não confirmadas laboratorialmente, surgem em meados de julho e na primeira quinzena de agosto na zona da serra de Serpa e de Mértola. Durante o mês de agosto novos casos clínicos suspeitos foram surgindo nestes concelhos e nos concelhos de Beja, Cuba, Alvito, Vidigueira, Moura e Portel.

No final de agosto e no início de setembro, principalmente nos concelhos de Alvito e de Portel, percebemos que algo de diferente se estava a passar, dada a magnitude e velocidade de propagação da doença.

No dia 13 de setembro de 2024 foi confirmada pelo Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária I.P., laboratório nacional de referência, a presença, pela primeira vez, do serotipo 3 do vírus da Língua Azul em território continental português, nomeadamente na zona sul do Distrito de Évora.

Desta data em diante, a doença grassou com uma agressividade e uma velocidade avassaladoras em todas as direções, chegando rapidamente ao norte Alentejano, à Beira Baixa e a Espanha. A zona de Lisboa e Vale do Tejo também não demorou muito mais a ser atingida, tal como os territórios a sul e o Litoral Alentejano.

Os meses de setembro, outubro e parte significativa de novembro foram terríveis para os ovinicultores destas regiões, sendo que também os produtores de caprinos e de bovinos, nomeadamente os de aptidão leiteira, sentiram as consequências da investida desta nova doença no nosso território.

Animais febris, prostrados, com cabeças inchadas, com lesões na mucosa bucal que os impediam de se alimentarem adequadamente, lesões respiratórias, lesões oculares, claudicações, abortos, borregos malformados, borregos prematuros, quebras dramáticas na produção de leite, lesões nos tetos e borregos subnutridos que morriam ou cujos desempenhos zootécnicos ficavam muito aquém do esperado, foram as constatações clínicas mais frequentes.

A necessidade acrescida de mão de obra para tratar os animais afetados foi muito significativa.

O número de mortes de ovinos foi enorme, estando ainda oficialmente por apurar. De setembro a novembro, entre adultos e jovens, e não contabilizando os abortos, talvez tenham morrido mais de noventa mil animais...

Estão também ainda por apurar as implicações das sequelas de médio e longo prazo desta doença, como por exemplo a cronicidade e a infertilidade.

Por tudo isto, não será difícil perceber os avultados prejuízos em que incorreram, e ainda incorrem, os produtores atingidos.

Apesar de se tratar de uma doença de notificação obrigatória, assistimos de início a uma marcada subnotificação por parte dos produtores, motivada pelo receio do sequestro que seria imposto pela autoridade sanitária nacional às explorações declaradas como afetadas, que impediria a movimentação animal durante 60 dias, o que ainda penalizaria mais estas explorações.

Alegando este facto, o Ministério da Agricultura reagiu tardia e inadequadamente ao problema, apesar dos avisos atempados de algumas Organizações de Produtores, como por exemplo a Federação das Associações de Agricultores do Baixo Alentejo e a União dos ADS do Alentejo.

Até agora, o Ministério da Agricultura disponibilizou unicamente um milhão de euros para pagar a vacina contra o serotipo 3 aplicada até ao dia 31 de dezembro de 2024. Desconhecemos que outras medidas irão ser tomadas para minorar o fortíssimo impacto da doença no já débil equilíbrio financeiro das explorações pecuárias de ovinos.

Será de elementar justiça ver também abrangidas pelas medidas de apoio a implementar por este Ministério as explorações de caprinos e de bovinos igualmente atingidas pela doença.

Como uma desgraça nunca vem só, já no final de novembro detetou-se a presença do serotipo 8 no distrito de Portalegre, que, por força do tempo frio que, entretanto, surgiu, parece não ter, por agora, ganhado dimensão preocupante. Mas, não fiquemos tranquilos, porque na próxima primavera, caso não tomemos as medidas preventivas adequadas, a realidade poderá ser outra.



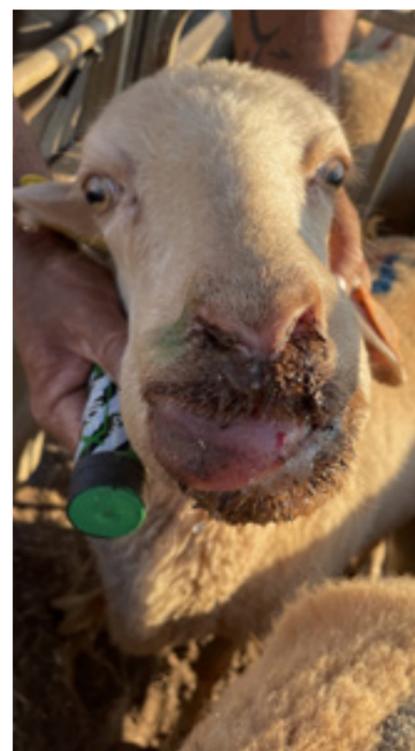
3/ Vacinar para tantos serotipos, que atualmente já são quatro - serotipos 1, 3, 4 e 8 – e em breve poderão vir a ser mais, é, de facto, um desafio que se coloca aos ovinicultores, ao Estado Português, à União Europeia, aos investigadores e à indústria farmacêutica. Compete ao Estado Português e aos restantes Estados Membros da UE, de forma concertada, promoverem e financiarem linhas de investigação e de desenvolvimento para vacinas multivalentes eficientes e com aplicabilidade prática.

4/ No que respeita ao trânsito animal neste contexto das doenças vetoriais, sentimos também a necessidade urgente de se alcançarem acordos flexíveis e coerentes para a circulação animal entre os países da União Europeia.

5/ Os diversos serotipos do vírus da Língua Azul que circulam no espaço europeu têm, nos últimos tempos, acometido os nossos ruminantes com uma severidade tal, que importa ponderar rapidamente sobre a reclassificação destas doenças no âmbito da Lei da Saúde Animal, por forma a que se adequem os auxílios comunitários à verdadeira dimensão dos prejuízos causados.

Entretanto, não podemos esquecer o que de grave se passou em Portugal em 2024. Tendo em conta a relevância da ovinicultura na estruturação e na economia dos territórios, nomeadamente nas zonas do interior, mais frágeis do ponto de vista social e económico, e o potencial destrutivo da crise sanitária que nos assolou, parece-nos de elementar justiça esperar, com muita brevidade, por parte da nossa Administração, medidas de apoio à produção proporcionais aos enormes prejuízos observados.

Beja, 30 de dezembro de 2024

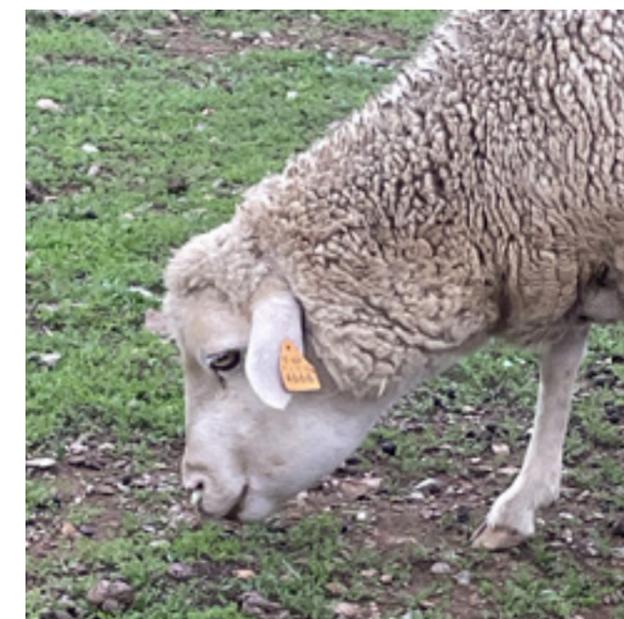


Medidas necessárias

Parece-nos ser consensual o entendimento de que estas doenças vetoriais vieram para ficar, pelo que será importante adotar medidas de controlo de carácter estrutural.

1/ Temos de ter implementada uma estratégia de monitorização ativa sobre a circulação dos insetos vetores e dos diversos serotipos do vírus da Língua Azul, de forma a delineararmos medidas preventivas e de controlo com a devida antecipação. Para tal, é imprescindível que se promova o reforço de meios da autoridade sanitária nacional, bem como das Organizações de Produtores para a Sanidade Animal (OPSA).

2/ A vacinação é, atualmente, a estratégia mais eficaz para a prevenção, controlo e minimização dos impactos desta doença. Por isto, importa acautelar urgentemente para 2025 e anos seguintes campanhas de vacinação atempadas e sem interrupções, abrangendo todos os serotipos que circulam em Portugal e nas suas imediações.



Inteligência Artificial na Agricultura

Inovação que Transforma o Futuro do Campo

O aumento da população mundial, estimada para chegar a 10 bilhões de pessoas até 2050, impõe uma pressão significativa sobre o setor agrícola, exigindo tanto o aumento da produção de alimentos quanto a maximização da produtividade.



Luís Alcino Conceição
IPPortalegre / InovTechAgro

Para enfrentar as iminentes crises alimentares, duas abordagens são possíveis: expandir o uso da terra para áreas que tradicionalmente não são agrícolas, ou abraçar práticas e técnicas inovadoras aproveitando os avanços tecnológicos ao dispor do agricultor para melhorar a produtividade nas terras agrícolas existentes e garantir o seu rendimento. Esta será certamente a melhor opção, ou pelo menos a primeira que deverá ser tida em conta de forma a mitigar os impactos negativos do uso de

superfície não agrícola resultante tantas vezes da redução de áreas florestais. Em paralelo, importa ter em conta outras ameaças que atualmente também preocupam o agricultor como a escassez de mão de obra, as alterações climáticas, as questões ambientais e a diminuição da fertilidade do solo para citar algumas, que obrigam a que a paisagem agrícola moderna evolua em várias direções aliadas de inovação e sistemas inteligentes de gestão.



A Inteligência Artificial (IA), o que é, para que serve e que desafios se impõem?

Por definição a IA é o campo da ciência da computação que procura criar sistemas ou máquinas capazes de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana. Aqui incluem-se atividades como o raciocínio, a aprendizagem, a tomada de decisão, o reconhecimento de padrões, e até mesmo a interpretação de dados. Na prática, a IA utiliza algoritmos avançados, aprendizagem de máquina (machine learning), processamento de linguagem natural, e redes neurais para analisar grandes volumes de dados e tomar decisões de forma automática.

Com esta funcionalidade, o uso da IA pode resolver muitos desafios que hoje se impõem ao setor agrícola, ajuda a mitigar muito dos impactos negativos decorrentes da atividade no seu conceito mais tradicional.

Decisões baseadas em dados

Os dados são hoje o “combustível” da economia. As organizações do sector já hoje utilizam os dados que estão ao seu alcance para obter informações meticulosas sobre todos os detalhes do processo agrícola, do campo ao produto final passando por toda a cadeia de produção. A análise preditiva baseada em IA é agora uma nova oportunidade ao alcance das empresas agrícolas. Os agricultores podem recolher e processar mais dados em menos tempo com o recurso a instrumentos assentes em IA, analisar a procura do mercado, prever preços, bem como determinar os momentos ideais para a realização das operações de campo. Sementeiras e colheitas podem ser hoje operações definidas no tempo com a precisão sobre a disponibilidade de recursos humanos e materiais, e condição dos fatores de produção ou dos produtos como nunca tinha sido possível. Para isto, muito contribuem os atuais cadernos de campo digitais, que utilizados no dia a dia do agricultor permitem no final definir e apurar calendários, custos e resultados numa matriz de dados difícil de resolver individualmente.

Os dados do solo, as condições meteorológicas, os dados das culturas e ou dos efetivos pecuários, todos integrados em modelos de softwares de gestão permitem aos agricultores tomarem melhores decisões em todas as fases do processo de produção, garantindo que o mesmo seja mais rentável e sustentável.

Redução de custos

Combinada com a IA, a Agricultura de Precisão pode ajudar os agricultores a aumentar a produtividade com menos recursos. A IA na agricultura combina as melhores práticas de gestão do solo, tecnologia de dose variável e as práticas de gestão de dados mais eficazes para maximizar os fatores de produção e minimizar os gastos. A aplicação da IA na agricultura fornece aos agricultores informações sobre as culturas em tempo real, ajudando-

os a identificar as áreas que necessitam de serem regadas, fertilização ou tratamento com fitofármacos. O resultado é a redução dos impactos negativos no consumo de fatores de produção e o aumento da sustentabilidade dos processos de produção que desde logo assumem custos mais baixos.



Automação

O trabalho agrícola ainda hoje é considerado penoso em muitas situações, pelo que a escassez de mão de obra não é novidade. Felizmente, a automação oferece cada vez mais soluções para agilizar as tarefas manuais. Enquanto a mecanização transformou as atividades agrícolas que exigiam esforço sobre-humano e trabalho com animais de tração em trabalhos que demoravam apenas algumas horas, uma nova vaga de automação digital está novamente a revolucionar o sector.

Máquinas agrícolas automatizadas como tratores sem condutor, sistemas de rega inteligente, sistemas de fertilização, drones agrícolas alimentados por IoT (Internet das Coisas)

https://www.youtube.com/watch?v=SsXXf_7Yrpl
pulverização inteligente, software de agricultura vertical e robôs de estufa baseados em IA para a colheita são apenas alguns exemplos. Em comparação com qualquer trabalhador agrícola humano, as ferramentas baseadas em IA são muito mais eficientes e precisas.

Otimização de sistemas de rega

A água é um bem escasso e determinante nos processos de produção. Os algoritmos de IA quando combinados com sensores que monitorizam os níveis de humidade do solo, o teor de hidratação da cultura e as condições meteorológicas, podem decidir em tempo real a quantidade de água a regar.

Um sistema de rega autónomo das culturas <https://gremonsystems.com/> é concebido para conservar a água, promovendo simultaneamente práticas agrícolas mais amigas do ambiente e fundamentalmente, mais económicas. Também em estufas inteligentes a IA hoje torna possível a existência de programas para otimizar o crescimento das plantas, ajustando automaticamente a temperatura, a humidade, os níveis de gases e os níveis de luz com base em dados em tempo real.



Monitorização das culturas e do solo

A combinação errada de nutrientes no solo pode afetar seriamente a saúde e o crescimento das culturas. Identificar estes nutrientes e determinar os seus efeitos no rendimento das culturas com IA permite aos agricultores fazer facilmente os ajustes necessários.

Dada a observação humana ser limitada na sua precisão, os modelos de visão por computador podem monitorizar as condições do solo para recolher dados precisos necessários para combater as doenças das culturas. Estes dados são depois utilizados para determinar o estado das culturas de acordo com a fase do ciclo de desenvolvimento, fazer análises preditivas de produtividade e rendimento e assinalar quaisquer problemas específicos. Estes podem ser desencadeados pela presença de sensores, cuja informação tratada por modelos de IA detetam as suas condições de crescimento e desencadeando os ajustes automáticos ao ambiente.

Deteção de doenças e pragas

Para além de detetar a qualidade do solo e o crescimento das culturas, a visão por computador pode detetar a presença de pragas ou doenças. Em conjunto com sistemas de alerta, passa a ser possível aos agricultores atuar rapidamente para exterminar as pragas ou isolar as culturas para evitar a propagação de doenças. A tecnologia de IA na agricultura já permite hoje a deteção de vários quadros fitossanitários e pragas, neste caso mediante o uso de armadilhas inteligentes i2connect-h2020.eu/build-your-own-smart-insect-trap/ capazes de identificar e quantificar diferentes tipos e níveis de ataque.

Controlo em tempo real da saúde dos animais

A saúde dos animais é também uma preocupação do agricultor. Também aqui a IA pode ajudar através de inúmeras aplicações que integram sistemas com sensores in loco e ou desenvolvimento de soluções com visão computacional para monitorizar remotamente em tempo real os animais, detetar comportamentos atípicos, e ou identificar atividades como o parto ou o estro. O uso de aplicações como a *cattle eye* <https://cattleeye.com/> permite por exemplo a determinação em tempo real da condição corporal de cada animal e com isso ajustar a dieta necessária aos objetivos de produção.



Aplicação inteligente de fitofármacos, monda e colheita automáticas

Os agricultores estão cada vez mais cientes da necessidade de aplicar fitofármacos de maneira criteriosa para alcançar os seus objetivos de produção. A inovação no campo do uso de fitofármacos inclui o uso de sensores como *WeedSeeker* <https://www2.agriculture.trimble.com/product/weedseeker-2-spot-spray-system/> e sistemas de automação que por meio de visão computacional, determinam a quantidade exata de produto necessária por área, ou apenas quando detetam a presença de plantas infestantes. Estas tecnologias não apenas reduzem significativamente os custos operacionais, como também diminuem o impacto ambiental das intervenções agrícolas nesta matéria. Paralelamente, a visão computacional é utilizada para identificar ervas daninhas e espécies invasoras, permitindo o desenvolvimento de robôs que realizam tarefas como a remoção automática dessas ervas como é exemplo o *SeedSpider* <https://seedspider.com/products/weedspider/#autonomous-platform>. Com o avanço dessas soluções, espera-se que futuramente a monda e a colheita sejam realizadas inteiramente por máquinas inteligentes, marcando uma nova era na agricultura.



Quais os Desafios da IA na agricultura?

Recolha e Análise de Dados

A precisão dos modelos de IA depende da qualidade e quantidade dos dados obtidos. Muitas vezes, obter dados precisos e abrangentes em ambiente agrícola é difícil devido às variações nas condições da cultura, clima e outras variáveis ambientais. A própria técnica de amostragem e representatividade podem comprometer os modelos. Importa em muitos casos ainda testar e validar modelos que traduzam as reais condições do agricultor.

Custo e Acesso à Tecnologia

A implementação de tecnologias avançadas pode ser cara, o que coloca esses recursos fora do alcance de pequenos agricultores. Aqui, as estruturas associativas assumem um papel primordial na concertação de esforços e medidas que possa mitigar o problema, ajudadas de políticas que incentivem à sua adoção. Estas não podem ser desligadas de medidas que visem a capacitação do agricultor e dos técnicos afetos, considerando as novas competências que estão relacionadas.

Integração de Sistemas

Integrar novas tecnologias em sistemas agrícolas já existentes pode ser complexo. Ainda hoje é frequente o uso de sistemas digitais fechados que limitam a interoperabilidade de dados e obrigam ao uso de diferentes fontes de informação com o custo que lhe está relacionado. É importante adotar protocolos de comunicação standard entre fabricantes se todos queremos vencer esta batalha. O agricultor ganha, a empresa tecnológica vende!



Capacitação

Não apenas pela idade média do agricultor, mas também pela exigência das novas competências de gestão que agora se tornam necessárias para a interpretação e tomada de decisão dos dados e dos sistemas de IA, é importante o reforço de medidas para capacitação, consultoria e acompanhamento do agricultor e dos seus técnicos.

Preocupações Éticas e de Privacidade

A recolha de dados em grande escala pode levantar questões de privacidade e segurança. Além disso, a automação pode levar à realocação de empregos para trabalhadores agrícolas, criando dilemas éticos sobre o deslocamento da mão de obra. Importa desenvolver regulamentação clara para o uso de IA na agricultura, especialmente em relação ao uso de dados e ao impacto das decisões automatizadas no ecossistema agrícola.

Resistência à Mudança

A adoção de IA requer uma mudança de mentalidade por parte dos agricultores, muitos dos quais podem ser céticos quanto às novas tecnologias ou resistentes à mudança de métodos tradicionais para práticas baseadas em tecnologia. Não nos esqueçamos contudo que quem não se adapta, a seu tempo sucumbe.

Os desafios ao setor nunca foram tantos e tão importantes como nos dias que vivemos. A IA é hoje uma realidade nos sistemas de produção agrícola nacional que pode definitivamente ajudar à produção e contribuir para a valorização dos territórios onde está presente. Não nos esqueçamos que a montante do texto agora escrito, o blockchain recebe os inputs de muitas das soluções aqui apresentadas, e como verdadeiro instrumento de rastreabilidade permite levar a conhecer o processo de produção aproximando produtor e consumidor - encurtando as cadeias de produção. Importa assim que os serviços técnicos do Ministério da Agricultura e mais recentemente o ecossistema da rede de inovação em que participam CoLabs e Centros de Competências, nesta área o InovTechAgro, bem como o testemunho daqueles que já utilizam - peer to peer, possam contribuir para o apoio ao agricultor na transição para uma economia mais digital e tecnologicamente avançada.



Novo Regime do Exercício da Atividade Pecuária (NREAP)

A ACOS presta apoio técnico nas solicitações previstas pelo NREAP, nomeadamente na instrução dos seguintes pedidos/comunicações:

- 1 Pedido de licença/Título de exploração para as atividades pecuárias das classes 1 e 2, respetivamente;
- 2 Pedido de registo para a atividade pecuária da classe 3;
- 3 Pedido de alteração à Licença/Título/Registo da Atividade Pecuária;
- 4 Pedido de alteração da titularidade;
- 5 Comunicação de Suspensão de Atividade;
- 6 Comunicação de Cessação de Atividade.

Informações / Marcações através dos seguintes contactos:

Tel: 284 310 350
E-mail: apoiotecnico@acos.pt

Centro de Inspeção Periódica de Pulverizadores de Produtos Fitofarmacêuticos (Centro IPP) reconhecido pela DGAV



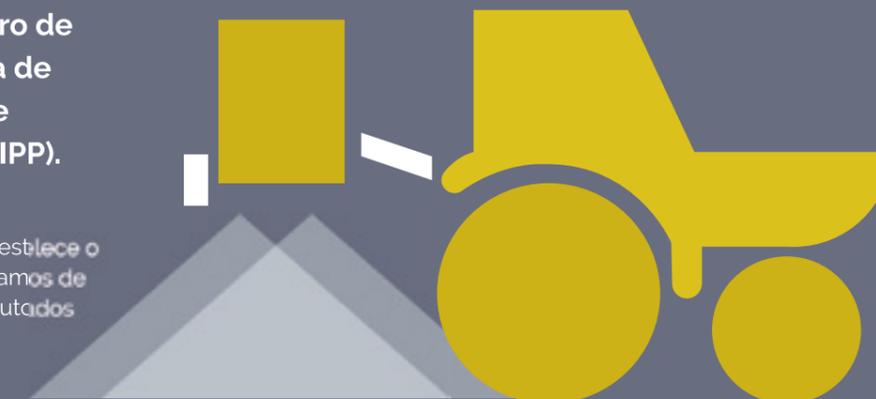
A ACOS é entidade reconhecida pela Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), como Centro de Inspeção Periódica Obrigatória de Equipamentos de Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos (CIPP).

O Decreto-Lei n.º 86/2010 de 15 de julho, estabelece o regime de inspeção obrigatória dos equipamentos de aplicação de produtos fitofarmacêuticos autodos para utilização profissional.



Informações / Marcações através dos seguintes contactos:

Tel: 284 310 350
E-mail: cipp@acos.pt



DE 30 DE ABRIL A 4 DE MAIO



ACOS AGRICULTORES DO SUL

TUDO O ALENTEJO DESTE MUNDO

41^a OVI BEJA

+ AGRICULTURA
+ FUTURO

IMAGEM CRIADA COM IA

www.ovibeja.pt